

APSAT



Nas unidades produtoras de leitões, os associados possuem as matrizes de forma coletiva

PORCO EM CONDOMÍNIO

A experiência, com excelentes resultados, vem de Santo Cristo, mas já começa a se alastrar pelos municípios da área de atuação da Cotrijuí. Mesmo esbarrando na falta de crédito, produtores de suínos começam a se organizar em associações para, via aumento da produtividade, redução de custos, melhoramento genético dos animais, dar uma grande virada na suinocultura da região. — 12, 13, 14 e 15

Cotrijuí entrega prêmios aos ganhadores

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



Ijuí — Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 11
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199 - Fax: (055) 332-5161
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA nº 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

Porto Alegre - Av. Júlio de Castilhos, 342
CEP 90030 - Fone (0512) 28-3155 -
Telex 511433 CXTX

Rio Grande - Terminal Graneleiro - 4ª Secção da Barra - CEP 96200 - Fone (0432) 32-1122
Telex 532173 CRTS

Dom Pedrito - BR-293 - Km 237 - CEP 96450
Fone (0532) 43-1002 - Telex 532362 CRTS

SUBSIDIÁRIAS

— Cotriexport Cia. de Comércio Internacional
Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS
- CEP 90030 - Fone (0512) 28-3155
Telex 511433 CXTX

— Cotriexport Corretora de Seguros Ltda.
Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS
- CEP 90030 - Fone (0512) 21-0809
Telex 511433 CXTX

— Cotridata - Processamento de Dados Ltda.
Rua José Hickenbick, 66 - Ijuí - RS - CEP 98700
Fone (055) 332-1999 - Telex 553726 CRTS

— Transcooper - Serviços de Transportes Ltda.
Rua das Chácaras, 1513 - Ijuí - RS - CEP 98700
Fone (055) 332-3065 - Telex 552212 TSCO
Dourados - (MS) - BR-463 - Km 4 -
Fone (067) 421-3815 - Telex 674102 TSCO

— IRFA - Instituto Riograndense de Febre Aftosa Ltda
Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS
CEP 90030 - Fone (055) 332-2690 - Ijuí - RS

— SOPROSUL - Ind. e Comércio de Plásticos Ltda.
Rua Padre Diogo Feijó, 37 - Bairro Navegantes -
Porto Alegre - RS - CEP 90240
Fone (0512) 43-71-19

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:
Oswaldo Olmiro Meotti

Vice-presidente/Pioneira
Celso Bolívar Sperotto

Superintendente/Pioneira:
Walter Frantz

Vice-presidente/Dom Pedrito:
Oscar Vicente Silva

Conselho de Administração (Efetivos):
Egon Eickhoff, Jorge Alberto Sperotto, João Santos da Luz, Félix Gotardo, José Ataídes Conceição, José Jorge Rieth de Oliveira, Irani dos Santos Amaral, Deniz Espedito Serafini, Oscar Otto Hoerle, Leonildo Anor Pötter, Luiz Forcin e Edgar Severo.

Suplentes:
Onorildo Zangirolami, Carlos Leodoni Andrighetto, Arlindo Valk, Enor Carmiel, Jorge Cleiton Gonzales, Hélio Antônio Weber, Jair Castro Rinaldi, Jaime Braz Sperotto, Pedro Guioito, Jorge Verardi Perez, Cândido de Godoy Dias e Florício Barreto.

Conselho Fiscal (Efetivos):
Amário Becker e Otalíz de Vargas Montardo

Suplentes:
Ervin Egon Preissler e Alvorí Rosa

Diretor contratado:
Léo José Gó

LOJAS COTRIJUI
Regional Pioneira, 26
Dom Pedrito, 3
Total, 29

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira.....	585.800 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Total.....	896.800 t

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.



Associado da ABERJE

REDAÇÃO
Dária C. L. de Brum Lucchese, editora;
Carmem Rejane Pereira; Raul Quevedo, Porto Alegre; e Lucilene Zafalon, Rio Grande

REVISOR
Sérgio Corrêa

— Impressão em Off-Set rotativa Solna, na "A Tribuna Regional", Santo Ângelo/RS.

O ano de 90 vai ficar marcado como um ano de alerta para a produção de soja. A safra, que já iniciou sob um forte presságio de redução de área devido a ausência de recursos para o plantio, com adequada tecnologia, ganhou a ameaça de um abalo na produtividade. Feitas as primeiras lavouras, o produtor se viu às voltas com a disseminação de uma doença chamada tombamento, responsável pela morte da planta em seu estágio inicial de desenvolvimento e ainda por cima muito insistente. Muitos foram obrigados a refazer partes da lavoura até cinco vezes. É claro que o clima com grandes oscilações de temperatura tem muito a ver com o tombamento, mas, provavelmente, o monocultivo que assola as lavouras há 20 anos é o maior culpado. A continuar este ritmo, as futuras lavouras de soja podem ficar seriamente comprometidas pelo tombamento e outras doenças e pragas, chegando ao ponto de tornarem-se inviáveis. O alerta da pesquisa e a opinião de alguns produtores que tiveram as lavouras atingidas pela doença está nas páginas 5 e 6.

Longe vai o tempo em que criar porco solto, caça, era moda e podia encher de dinheiro o bolso. Hoje, quando a palavra de ordem se chama suinocultura, que já teve tradição na região, mas foi passada para trás pela avicultura, uma das atividades evoluiu e se modernizou nos últimos tempos, não tem senão dar uma grande virada. Mas como superar estes tempos difíceis — os preços estão elevados até o baixo nível tecnológico empregado, tanto como nas instalações? Produtores de Santo Cristo, vizinho a Santa Rosa e de Vista Gaúcha, dão um exemplo: se pode superar tantos obstáculos e ainda tirar da melhor preço. Através das Apsats, eles estão conseguindo a suinocultura uma atividade mais equilibrada. A experiência dos produtores de Santo Cristo e Vista Gaúcha e a articulação da região em direção a formação de associações produtivas começa na página 12.

DO LEITOR

Agricultura, à margem das decisões governamentais

Oswaldo Olmiro Meotti

O advento do plano Collor a partir de sua publicação em 15 de março de 1990, com enfáticas promessas de extirpação da inflação criou, de início, uma euforia que se justificava plenamente na medida em que a inflação é um mal que afeta em maiores proporções os assalariados, os mais humildes. E, por extensão, gera um grande descompasso entre os assalariados e os produtos, os custos de produção e a venda final dos produtos.

Mas com o andamento do plano, na prática, e entre outras coisas, com o bloqueio dos cruzados da poupança, aquela expectativa favorável dos primeiros dias, ou meses, começou a arrefecer. Primeiro, porque a inflação, contrariando as promessas enfáticas da equipe econômica do governo, foi apenas reduzida, não eliminada de todo como prometia o governo.

Por outro lado, iniciou por penalizar uma das categorias sociais mais sofridas deste país, que é constituído pelos agricultores produtores de alimentos. Quem poderá esquecer o "pacotão" que congelou a BTN Fiscal em março, no valor de 41 por cento, e deu carta branca aos bancos, que reajustaram os empréstimos pela inflação do IPC, registrando, naquele mês, os índices de 84,32 por cento?

Diante desta distorção, chegou-se, inclusive, a falar, e até com insistência, na necessidade de um deflator buscando equilibrar os diferenciáveis de valores entre os cruzados — congelados — e os cruzeiros que retornaram ao padrão monetário nacional. Mas nada foi modificado. Sem o reclamado deflator, os agricultores acabaram recebendo menos por seus produtos — deflacionados — e pagando mais caro pelos custos — inflacionados — da produção junto ao sistema bancário. Um exemplo deste disparate que merece ser citado é o trigo. As cooperativas receberam — arcando com as despesas de armazenagem, quebra técnica, seguro, entre outras — e comercializaram o produto que teve seu preço corrigido pela BTN mensal, mas os produtores pagaram ou continuam pagando suas dívidas corrigidas pela BTN Fiscal.

É preciso dizer ainda que a agricultura, em termos de diretrizes, continuou sendo uma incógnita no decorrer do ano. O Ministério da Agricultura, em que pese os esforços pessoais de seu titular, ministro Antônio Cabrera, foi mantido praticamente à margem de qualquer decisão governamental que viesse em proveito dos produtores e da produção, caracterizando, desta forma, uma visão estritamente monetarista



É da essência do Plano Collor, a indiferença pelos juros altos, o que resulta em medidas acertadas quando se tem em vista a produção de supérfluos

da equipe técnica do governo, ignorando, inclusive, que a estabilidade monetária de amanhã depende da produção de hoje. É evidente que não podemos esquecer que o gargalo do setor produtivo, hoje, se situa no poder aquisitivo do brasileiro, que também vem caindo.

E o Plano Agrícola do governo Collor, lançado em 14 de agosto e que chegou a ser saudado pelo setor produtivo como alentador, mas que nem chegou a ser cumprido por quem o estabeleceu. Cadê os recursos prometidos pelo governo para o plantio da safra de verão? É claro que alguma coisa de recurso ainda saiu, mas as áreas de soja e de milho desta safra só não reduziram em índices mais elevados, porque as cooperativas, em decisão até certo ponto corajosa, conseguiram, via programas de troca-troca, promover o plantio de parte das lavouras de verão. Na área de atuação da Cotrijui Pioneira, cerca de um terço das lavouras de soja plantadas tiveram sementes e insumos fornecidos pela própria cooperativa.

A questão da tributação em cascata sobre insumos, energia elétrica, entre outros, também vem castigando o setor produtivo. Os governos, de uma maneira geral, têm se preocupado em equilibrar as contas públicas em cima de arrocho fiscal sobre a produção primária, esquecendo-se que, agindo desta forma, estão debilitando a "galinha de ovos de ouro", que é o setor produtivo.

E quanto ao ano entrante de 1991, ao que tudo faz crer até aqui, nada induz

que se leve a pensar que haverá recursos substanciais em favor do setor. A política aprovada — e que se tem desvirtuado sua passagem ílesa, sem vetos, pelo Senado da República — não é a que agrada aos agricultores, que desaprova a proposta da Frente Ampla. Ela é defeituosa e carece de uma nova política do setor produtivo, a exemplo de que teve em 88.

Caso seja sancionada a Lei 8.000, que o governo estabeleça normas de estabilidade, na prática. Na forma que passou pelo Congresso, num projeto não diferencia pequenos e médios grandes produtores. De que forma cessará a destinação e aplicação de recursos financeiros para satisfazer estes casos, é o que precisamos definir uma posição definitiva.

O próprio seguro agrícola, garantia que está na essência da tranquilidade que dá a quem trabalha na agricultura — empreendimento aos diferentes fenômenos e reversos — não inova em nada no concedido pelo Proagro. Continua a cobertura às culturas de lavouras cobertas pelo sistema bancário. Logo, a garantia não é para o agricultor, mas o órgão financiador.

A esse respeito, o Ministério da Agricultura, que também é produtor, conhece os riscos a que se expõem os que aplicam recursos em produção, também está reclamando e pode estimular os produtores rurais a criarem mecanismos jurídicos e financeiros que se garanta o retorno, pelo capital investido na atividade.

É da essência do Plano Collor, a indiferença pelos juros altos, o que resulta em medidas acertadas quando se tem em vista a produção de supérfluos. Naturalmente não é o caso da agropecuária. Portanto, somente garantir juros compatíveis com a importância dessa atividade, além de estimular os produtores rurais a criarem mecanismos jurídicos e financeiros que se garanta o retorno, pelo capital investido na atividade.

Esperamos que o presidente Collor e sua equipe econômica atentem na aplicação de medidas dessa ordem, para que os produtores poderão crescer com o que há de mais rico e saudável da economia, que são os produtos da terra.

Oswaldo Olmiro Meotti é economista e diretor-presidente da Cotrijui



Centro de Citricultura
com 1 milhão de mudas

CITROS

Ijuí repassou
mil mudas

Secretaria de Agricultura e
encerrou a primeira eta-
de Citricultura, implanta-
do Estado, com a en-
milhões de porta-enxertos
pela Riocell, destinados a
regionais que participam

que foi realizado na se-
em Guaíba, estavam pre-
secretário Marcos Palombini;
Departamento de Produ-
Júlio Feldens; o presiden-
Estadual de Pesquisa,
o diretor da Riocell, Al-
e o chefe do Departamento
da empresa, José Totti.
das cooperativas partici-
projeto, o presidente da Co-
Olimiro Meotti.

o encerramento dessa eta-
que deve ter abrangido
e 14 cooperativas, a
de que tenham sido distri-
milhão, 150 mil mudas para
produtores. Ao discursarem, na
secretário Marcos Palombi-
presidente Oswaldo Meotti, elo-
participação da Riocell, que
valia para o êxito do pro-
etapa. Somente a Cotrijuí,
ressaltou seu presidente, re-
mil mudas de laranja para
associados.

também estiveram presentes ao
presidente da Emater, Vul-
o diretor técnico da Cotri-
e o assessor da presiden-
Borges Sturnhoebel, além
estáveis pelos porta-enxertos,
de viveiros da Riocell, Eu-
Marchetti e Engene Car-
ene, da Estação Experimen-
quari, órgão da Secretaria
cultura e Abastecimento. Nas
registros da visita.

Comissão de Tecnologia
Chiapetta

última reunião da Comissão
Tecnologia, no ano de 90, foi reali-
município de Chiapetta, por
seu Jubileu de Prata, come-
dia 15 de dezembro. No
vários profissionais ligados a
cultura e alguns produtores esti-
presentes à reunião que contou
presença de vereadores, secretá-
cultura da região e do pre-
Chiapetta, Janio Luiz Scherer.
mento das variedades de tri-
produzidas pelo CTC, o uso de azo-
sobre o trigo, a situação da
teliteira e pesquisas sobre a
em pontos analisados no en-
também homologou a par-
da Ater Cooperativa - Assis-
tência e Extensão Rural, da
da Fecotrig, como a mais
importante da Comissão.



A nova coordenação do Conselho de Representantes
Ingberto Döwisch, Osvino Barstch, Vilibaldo Friderichs,
Abo Souto Bicca e Enio Tiecher

REPRESENTANTES

Novo coordenador

Vilibaldo Friderichs, associa-
do pela unidade de Chiapetta, foi
eleito coordenador do Conselho de
Representantes da Cotrijuí, em reu-
nião realizada no dia 12 de dezem-
bro, em Augusto Pestana. A partir
de 91, segundo estabelece o novo
Estatuto Social da Cotrijuí, o Conse-
lho de Representantes terá coordena-
ção única, envolvendo tanto repre-
sentantes das regionais Pioneira co-
mo de Dom Pedrito.

Enio Tiecher, representante
pela unidade de Ijuí e que até então
vinha ocupando o cargo de coordena-
dor do Conselho, por indicação
dos próprios representantes presen-
tes à reunião, passou a ocupar o car-
go de vice-coordenador. Para o car-
go de secretário geral foi indicado
o associado Ingberto Döwisch, de
Ervál Seco, eleito representante pe-
la unidade de Dois Irmãos. Abo Sou-
to Bicca, representante pela Regio-
nal de Dom Pedrito e Osvino Barstch,
da unidade de Santo Augusto, foram
indicados como suplentes.

Os representantes aproveitaram
a ocasião para conhecer um pouco
mais sobre a unidade de Augusto
Pestana. Depois da visita aos arma-
zéns, escritórios, mercado e loja, ou-
viram Romeu Rhode, gerente da
Unidade falar um pouco sobre a pro-
dução agrícola do município, a parti-
cipação do quadro social, os progra-
mas de diversificação, com destaque
para a soja, o trigo, a cevada, o alho
e a suinocultura e a importância da
cooperativa na região em termos
de arrecadação de ICMS. "Dos Cr\$
45 milhões de ICMS arrecadados
pelo município de Augusto Pestana
até meados de 90, Cr\$ 28,6 milhões
foram gerados pela Cotrijuí", infor-
mou Romeu dizendo ainda que, só
nesta safra de verão, 298 associados
foram contemplados com o progra-
ma troca-troca. "Cinco mil hectares
de soja foram cultivados pelo siste-
ma de troca-troca da Cotrijuí no
município, representando um volu-

me de recursos na ordem de Cr\$ 30
milhões", disse ainda o gerente.
AS METAS - Após a eleição da no-
va coordenadora do Conselho de
Representantes, foram traçadas as
metas de trabalho para 91. "As me-
tas traçadas no início do ano passa-
do foram praticamente cumpridas",
destacou Vilibaldo Friderichs, refe-
rindo-se a questão do desmembra-
mento da Regional do Mato Gros-
so do Sul. Para 91, o trabalho do
Conselho de Representantes come-
ça com a discussão e escolha dos no-
mes a integrarem a chapa oficial
que deverá ser eleita, em março, pa-
ra o Conselho de Administração
da Cotrijuí. "Vamos trabalhar para
que saia uma chapa de consenso",
observou.

Além do processo sucessório,
os representantes elegeram como
prioridade para 91 a discussão em
torno da implantação de uma agroin-
dústria na região. "A nossa situação
patrimonial é uma situação de liqui-
dez excelente, permitindo que sejam
feitos investimentos em agroindús-
trias", diz Vilibaldo, alertando para
que, em primeiro lugar, sejam defini-
dos prioridades. "Pelo momento em
que estamos vivendo, não podemos
correr o risco de cometer erros de
investimentos".

Como metas para 91, ainda fo-
ram definidos a questão do Regimen-
to Interno dos Representantes, "que
deverá ser readaptado em função
do novo Estatuto Social; a elabora-
ção de um plano de educação para
o quadro social; a valorização do
quadro funcional e uma reforma ad-
ministrativa. "Para buscar uma maior
eficiência em todas as áreas onde a
cooperativa atua, temos necessidade
não só de promover uma maior valo-
rização do quadro social, como tam-
bém, de levar ao corpo associativo,
via plano de educação, maiores infor-
mações e maiores conhecimentos",
destacou o novo coordenador.

Inflação: a maior de todas

A bala reservada pelo presiden-
te Collor para abater o dragão da in-
flação não deve ter acertado o alvo
certo. Depois de ter cambaleado algum
tempo sob o efeito do choque, o dra-
gão da inflação voltou a assolar a eco-
nomia deste país dos pacotes, numa
demonstração de que uma bala ape-
nas não é suficiente para tirá-lo de
combate. Ou o presidente arruma
mais algumas balas ou muda de táti-
ca na sua investida. Se não tomar algu-
ma atitude, corre o risco de, ao final
de 1991, repetir o feito de 1990, quan-
do a inflação acumulada foi ainda
maior que a registrada em 1990:
1.794,84 por cento, a maior da histó-
ria do Brasil.

O recorde acumulado do ano é

puxado pela inflação registrada nos
meses de janeiro, março e abril deste
ano. Só nestes três meses a inflação
chegou a 397,16 por cento - 56,11
por cento em janeiro; 72,78 por cen-
to em fevereiro e 84,32 por cento
em março - Já a inflação de dezembro,
medida pelo Índice de Preços ao Con-
sumidor - o IPC - registrou alta de
18,30 por cento.

A inflação desde 1980			
1980	110,30%	1986	62,40%
1981	95,10%	1987	365,96%
1982	96,80%	1988	933,62%
1983	211,00%	1989	1.764,86%
1984	223,80%	1990	1.794,84%
1985	223,60%		



Airton Visnieski
Um brasigualo

Em busca de
informações

O engenheiro agrônomo Airton
Visnieski saiu de Três de Maio há no-
ve anos atrás para morar, junto com
seus pais que são agricultores, em ter-
ras paraguaias. O lugar escolhido pela
família foi Colônia Obligado, Departamen-
to de Itapuá, uma região bastante
produtiva, que tem a soja, o trigo,
a erva-mate e o tum como principais
culturas. Formado em Agronomia pe-
la Universidade de Assunção e com
curso de Especialização na cultura
do trigo, realizado no México, Airton
hoje integra a equipe técnica da Co-
operativa Colônias Unidas de Obliga-
do, formada por três mil associados,
a maioria minis e pequenos agriculto-
res.

No início de dezembro, Airton
visitou a Cotrijuí, buscando maiores
informações sobre a cultura da colza.
"É uma cultura que tem muitos pro-
blemas, mas que estamos sondando
para ver da possibilidade de introdu-
zi-la no Paraguai", disse Airton, reco-
nhecendo, no entanto, que o nível de
tecnologia desenvolvido no Paraguai,
especialmente na região onde atua,
é um pouco mais atrasado que o utili-
zou no Paraná e no Rio Grande do
Sul. Mas garante que o nível de educa-
ção do agricultor paraguaio já está
começando a mudar e cita como exem-
plo a questão do controle biológico
da lavoura de soja. No ano passado,
por exemplo, Airton, levou de Santa
Rosa, 300 gramas de baculovírus pa-
ra ser aplicado nas lavouras. Hoje, o
estoque chega a 1.200 quilos, "os quais
pretendemos aplicar em 60 mil hecta-
res de lavoura", diz ele otimista com
a boa vontade do agricultor paraguaio
em substituir o veneno utilizado no
combate à lagarta pelo baculovírus.

Maior qualidade
na produção

A manutenção de um sistema
diversificado pode ser bem mais difí-
cil do que o de monocultura, princi-
palmente quando procura-se levar
em consideração um mercado cada
vez mais exigente em qualidade. Esta
foi a reflexão feita durante um dia
de campo com o Clube dos Amigos
da Terra de Ijuí, no dia 20 de dezem-
bro, no Centro de Treinamento da
Cotrijuí, com o objetivo de observar
e discutir especialmente a influência
da palha na redução de invasoras em
áreas de plantio direto. Além da ob-
servação de lavouras experimentais
de soja, feijão e milho cultivados em
cima da resteva de aveia preta, os inte-
grantes do Cat de Ijuí debateram as
melhores formas de aproveitamento
da palha, que mesmo tendo efeitos
benéficos sobre o solo e para a produ-
tividade da lavoura, pode se tornar
um inconveniente para as culturas se-
guintes, quando não for bem maneja-
da. A rotação de culturas foi mais
uma vez destacada como uma prática
fundamental no controle de invasoras,
sem deixar de ser salientada ainda a
necessidade de trabalhos de experimen-
tação mais intensos sobre o assunto,
em relação aos dois sistemas, o con-
vencional e o plantio direto.

O diretor presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti usou o programa de rádio Informativo Cotrijuí, levado ao ar no dia 30 de dezembro pelas Rádios Progresso de Ijuí e Municipal de Tenente Portela para fazer um balanço do ano que passou. Ele falou da inflação, da política cambial, da falta de recursos, da desestatização da compra do trigo e traçou perspectivas para 91, "um ano que pode não ser assim tão cinzento para a agricultura".



Oswaldo Meotti, presidente da Cotrijuí
Um ano difícil, com poucos recursos para a agricultura

Um ano difícil

INFLAÇÃO - Parece que o brasileiro não vive sem inflação. Começamos 90 com uma inflação de 52,55 por cento, passamos fevereiro com 56,11 por cento, março com 72,78 e abril com 41,28 por cento. Todos devem lembrar ainda do que ocorreu em abril, da dicotomia existente entre a inflação apurada pelo índice BTN, de 41,28 por cento e da apurada pelo IPC, de 74,32 por cento. Foi um assunto polêmico que levou muitas pessoas, principalmente os agricultores, a não pagarem suas contas em função do desequilíbrio das taxas de juro, tendo, portanto, que partir para uma negociação com os seus credores, pedindo mais prazo. Ficou aí uma ferida aberta com consequências para muitos anos. Nos primeiros meses do governo Collor, até fruto mais psicológico ou de medidas artificiais, de decretos, a inflação conseguiu baixar um pouco. Mas agora, no final do ano, parece que ela retorna àquele mesmo ritmo do final de 90.

POLÍTICA CAMBIAL - O governo Collor instalou no País o chamado dólar flutuante, que deveria oscilar entre a oferta e a procura dessa moeda no mercado. Com isto, se esperava que o produtor tivesse uma melhor remuneração, especialmente no caso da soja, mas depois da implantação do Plano Collor, pelo menos durante algum tempo, o dólar ficou estagnado. Em março e abril ele estava em Cr\$ 42,56, passando, em fins de maio a Cr\$ 55,00. Em junho foi para Cr\$ 61,00 e julho Cr\$ 69,00. Hoje ele está em Cr\$ 178,00, depois de toda a safra comercializada. Além da estagnação da conversão do dólar em cruzeiros, a inflação continuou subindo, e Chicago em baixa. Nós tivemos quase todo o ano de 1990 com Chicago cotando a soja abaixo de 6 dólares e bushel.

DESCAPITALIZAÇÃO DO PRODUTOR - Toda esta situação - de inflação crescente e estagnação do dólar - veio, evidentemente, descapitalizando o produtor. Para agravar ainda mais a situação, os recursos para a formação das lavouras de inverno - trigo, cevada, colza, forrageiras - foram insuficientes. A cooperativa fez financiamento a nível de programa troca-troca para a lavoura de trigo, o que ela vinha fazendo com mais ênfase para a lavoura de soja.

TRIGO - No meio do caminho, fomos pego pelo imprevisto da mudança da política do governo em relação a comercialização do trigo. Essa mu-

dança já era esperada, mas para a lavoura de 91. A desestatização da comercialização do trigo trouxe alguns percalços para os produtores. E como se isso não bastasse, tivemos em alguns Estados, como no Paraná, uma quebra grande na produção de trigo. Essa quebra fez com a safra tradicional, prevista para 5 milhões e 600 mil toneladas, rendesse pouco mais de 4 milhões de toneladas.

Os recursos liberados em pingagotas, com pagamento em BTN cheia, - que saíam normalmente na segunda quinzena do mês - e as dívidas dos produtores sendo corrigidas pela BTNF, trouxe um desequilíbrio muito grande para o produtor de trigo. Nós mesmos na Cotrijuí, começamos a preparar o corpo associativo para que, no momento em que recebêssemos algum recurso para o trigo, fosse em AGF ou EGF, comercializássemos de qualquer maneira, pois seria uma forma de capitalizar alguns cruzeiros até para complementar a lavoura de verão. Do total da produção recebida - 100 mil toneladas na Pioneira e 5 mil toneladas de Dom Pedrito - comercializamos, via AGF - Aquisição de Governo Federal - ou via EGF - Empréstimo do Governo Federal - exatamente 90 por cento. O resto ainda - 10 mil toneladas - ficaram para os primeiros dias de 91.

Nessa situação, toda, a cooperativa adotou uma política paternalista junto ao produtor. Para o produtor egegado, estamos pagando juro e correção monetária junto ao banco e estamos a descoberto com relação a armazenagem, quebra técnica e seguro. É um custo que a Cotrijuí vem bancando. É uma luta que continua junto ao governo federal no sentido de que possamos repassar esses juros. O que nos anima a continuar nessa luta, além da necessidade de reaver esses recursos, é o fato de que as expectativas da economia do país, especialmente no que tange a disponibilidade de recursos para importar alimentos, está bastante combatida. A disponibilidade de recursos está mais ou menos como a situação do produtor: num arrocho.

PERSPECTIVAS - Dificilmente vamos chegar aos 70 milhões de toneladas de grãos em 91. A nossa esperança é que as autoridades econômicas e financeiras do País, que têm na rotina somente a administração do fator caixa, com a redução de grãos, pudessem ver que a garantia do caixa de amanhã é a produção de hoje. Sem

produção, o governo deixa de recolher impostos e terá de formar caixa por outros meios para poder importar alimentos. E o fator importação tem hoje uma série de problemas. Um produto importado, aparentemente mais barato que a da produção nacional, só sairá realmente mais barato quando tiver mais oferta desse produto no mercado. No momento em que não tiver oferta, a tendência é o de subir. E além disso, tem de haver disponibilidade de recursos.

Com a abertura do mercado, de importação e exportação livre, nós importamos muito mais da Argentina, por exemplo, do que para lá exportamos. Com a recessão na economia brasileira, passamos a produzir menos até produtos exportáveis para esse país. Em contrapartida, passamos a importar mais. Conseqüentemente, como o País não tem recursos disponíveis, somos hoje devedores para a Argentina. Então, o que está acontecendo hoje é uma aceleração do embarque do trigo brasileiro produzido em 90 para atender o mercado do Norte e Nordeste, porque, se não temos dinheiro para comprar da Argentina, também não temos para comprar de outros países produtores.

Então, o que esperávamos que, fosse acontecer daqui a 5 ou 6 meses, com a colheita da lavoura de verão, está acontecendo hoje. Essa situação, de uma safra razoável, nos dá uma perspectiva. Eu acredito que este ano cinzento que vem sendo anunciado pelas autoridades, talvez não seja tão cinzento para a economia agrícola do país. Pela redução da produção - em função do decréscimo na área - e da redução na produtividade, o governo estará no mercado comprando menos. Sabemos que, por problemas de intempérie, a Argentina e o Paraguai terão um leve decréscimo na produção de grãos da lavoura de verão. O Argemiro Luís Brum, já nos trouxe da Europa a notícia de um certo aquecimento nos produtos agrícolas, especialmente farelo de soja. Isso representa para nós uma pequena luz no fundo do túnel. Quem sabe em 91 vamos preços de razoáveis para bom e que o ano não vai ser assim tão cinzento.

De qualquer sorte, entendemos que a expectativa para 1991, está muito na dependência do volume de produção que viermos a produzir. Queremos uma safra normal para que consigamos superar todas as dificuldades que hoje estamos enfrentando.

Reinhold Kommers

do Sindicato Rural de Ijuí. Este foi um ano difícil para a agricultura. A crise começou a começar pelo trigo. As condições climáticas prejudicaram a produção da cultura que sofreu com as seqüências do parcelamento e os atrasos nos pagamentos e dos juros. Todas estas adversidades climáticas como do governo Collor, geraram prejuízos aos produtores. A falta de recursos para a lavoura de verão foi ainda mais um assunto reclamado pelos produtores que se viram obrigados a trocar a soja verde ou a entrar para o mercado de troca-troca para a aquisição de sementes e insumos. O ataque dos preços, obrigando muitos agricultores a fazerem replantio e o aparecimento da lagarta da soja mais no campo, careceu ainda mais a lavoura.

Esperamos que 1991 seja uma desta safra de soja, seja com uma boa produção. Que a soja alcance bons preços para que os agricultores possam pagar um pouco as suas dívidas e não comprometidos. Lamentamos que a nossa agricultura está em uma situação difícil. Não há condições do produtor de comprar novas máquinas pela falta de recursos e pelas altas taxas de juros. Entendemos que o governo deveria investir na agricultura via crédito com juros mais suaves, pois, do contrário, não está, nem sempre uma safra boa para o agricultor pagar os juros. Também sou a favor da inclusão financeira do agricultor nos bancos. Entendemos que o trabalho e produção um pouco sair duma crise. Em todos os



Júlio Gabbi - presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí. Este foi um ano difícil para a agricultura. A crise imposta pelo governo Collor, direta. A política que o governo não implantou em 1990, é uma política que não serve ao pequeno produtor, mesmo para aquele que não vai estruturado para produzir soja mas que não estava preparado para outras atividades, como a suinocultura ou a avicultura. Foi o que mais sofreu com a crise do novo governo. Foi o ano de muitas dificuldades que o produtor vinha tendo há cinco anos, se acumulando. Até aqui, mesmo sem condições de corrigir o seu solo, ou de colheita adubação necessária na lavoura, vinha empantando. Mas 1990 chegou ao limite. Tudo estourou. O mercado está sucateado e não existe mercado nem mais para a formação de lavouras. Da Lei Agrícola podemos esperar, porque ela não foi vetada pelo presidente Collor. Mas os pequenos que a pequena e média produção não podem mais trabalhar em cima da monocultura. Precisamos diversificar, mas de maneira planejada, com a agroindústria na cultura para assegurar uma certa estabilidade. O governo já admite que via ser cinza e também já avisa que os recursos para a agricultura são poucos. Até junho, o ano vai ser muito difícil para o produtor, podendo melhorar um pouco, pois que entrar os recursos que o mesmo gerou com a lavoura de verão.

AVALIAÇÃO

Plano Collor frustrou agricultores

Severino Grechi, assessor econômico da Fetag, prevê momentos piores para a economia no decorrer de 1991

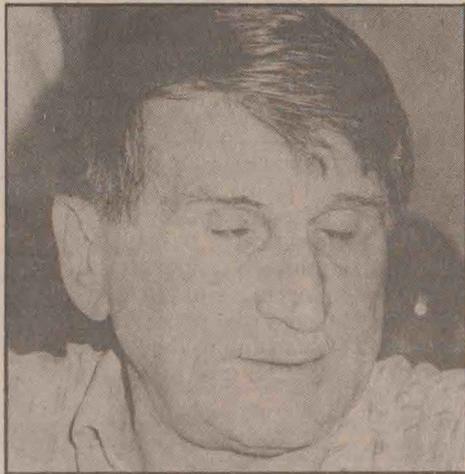
A avaliação que se pode fazer sobre o Plano Collor, no setor da agricultura, é a nível de Rio Grande do Sul, onde o movimento sindical, baseada em dois momentos distintos. O primeiro momento deve referir-se os primeiros meses, com a inflação galopante que se aproximava dos três dígitos e que eliminava, praticamente, as possibilidades do agricultor porque os custos eram semelhantes aos preços alcançados na comercialização. O segundo momento levava, naturalmente, a aplicar alguma sobra na ciranda financeira, com o intuito de legítima defesa da inflação.

Com a mudança de governo e o Plano Collor, com as promessas de extinção da inflação, apesar da inflação compulsória da população, criou-se uma expectativa até o fim do ano. Mas essa expectativa, no entanto, não se realizou diretamente aos agricultores, pois a inflação não chegou a diminuir muito. Primeiro, porque a inflação, ao contrário das promessas, não diminuiu de maneira enfática pela inflação, não vingou. Segundo, porque os custos e demais componentes da produção continuaram subindo em proporções assimétricas, enquanto o preço de trabalho agrícola ficou congelado.

Severino Grechi é do assessor econômico da Fetag, Severino Grechi, que prevê momentos muito piores para a economia no decorrer do próximo ano. Segundo alertou, o pior é o achatamento dos ganhos - o pequeno produtor, seja do simples produtor - o governo reduziu o poder aquisitivo do povo, o que conseqüentemente qualquer política de modernização da agricultura capitalista. Para Severino Grechi, sem consumo não há estímulo à produção e ao comércio. A inflação, portanto, logicamente, levará a qualquer impulso que se der à dinâmica da economia e a uma tendência de ampliação ou de abertura dos mercados.

ALTA DO SUBCONSUMO - Segundo a Fetag classifica esse consumo do governo, de menor preço, com a alimentação de seu pessoal, de crime de lesa-cidadania. Não pode haver desenvolvimento econômico da sociedade, sem uma atenção direcionada à alimentação popular, pelo menos no que se refere à quantidade mínima necessária para a manutenção da saúde dos cidadãos. A inflação de sub-consumido-

se tivéssemos poder aquisitivo adequado, seguramente teríamos que comprar, talvez até triplicar, a quantidade de gêneros alimentícios no mercado interno. O técnico da Fetag alerta que não adianta querer competir no mercado internacional - como fez Dom João - sem estar competindo lá, enquanto os nossos produtores não têm capacidade gerencial e empresarial e o capital disponível para in-



Severino Grechi
Dois momentos distintos

Condenou a insistência que temos em permanecer na monocultura do binômio trigo-soja, no Rio Grande do Sul. Enfatizou a necessidade de maior união em torno das cooperativas, mas que as próprias cooperativas devem adequar-se aos vários tipos de produção que melhor se adaptem às necessidades locais e respondam, economicamente, aos anseios de seus associados.

Ao finalizar, disse não ter boa expectativa em relação a 1991. A não ser que o governo adote comportamento diferente, pela produção.

LEI AGRÍCOLA

Alguns pontos positivos

Mas Ezídio Pinheiro teme que a Lei venha a ser vetada pelo presidente da República



Ezídio Pinheiro
Descompasso no governo

Apesar da Lei Agrícola não ser a que melhor agrada causou aos produtores rurais, que defenderam a aprovação de um texto em separado, constituído por reivindicações de sindicatos de trabalhadores rurais e cooperativas de produtores, mesmo assim há dúvidas se passará sem vetos pela presidência da República.

A dúvida é manifestada pelo presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul, Ezídio Pinheiro, em declarações feitas ao "Cotrijornal", em Porto Alegre. Ele concorda que a Lei contempla algumas das reivindicações feitas pela Fetag e outras entidades afins, notadamente no que define como pequena propriedade e pequeno produtor rural.

Basta dizer, enfatizou Ezídio, que há pouco mais de semana, em Brasília, juntamente com outras lideranças da agropecuária, passamos por um momento verdadeiramente inusitado. Com a certeza de que se conseguirá qualquer encaminhamento de pedido pelos ministérios da área, ou sejam, da Agricultura e da Economia, fomos até o Ministério da Justiça. Para surpresa do ministro Jarbas Passarinho, que nos recebeu amavelmente, ressaltou que nossas reivindicações fugiam completamente das atribuições de sua pasta.

FOI UM VEXAME - Sem dúvida, o fato caracterizou-se por um

certo mal-estar, tanto de nossa parte como do lado do senhor Ministro. Até que conseguimos explicar que já não se tratava de uma questão de pura economia empresarial, mas um fato de conotação social, e que por isso tínhamos solicitado a audiência, disse Ezídio Pinheiro, que estava acompanhado por dirigentes da Fecotriga, Farsul e Ocergs.

Ele disse considerar o fato, que classifica de descompasso entre segmentos do primeiro escalão do governo, de extrema gravidade para o país. Principalmente se identificarmos como agentes diretos do fato, autoridades que compõem um conjunto de cabeças que é tido - pelo menos até aqui - como componentes de um governo que apela à modernidade.

No que se refere especificamente à Lei Agrícola, vê que tem pontos positivos. Ezídio considera positivo o fato da Lei não diferenciar mais pequeno e grande produtor. Outra decisão muito bem aceita é a concessão de financiamento global à propriedade, e não a uma determinada cultura, como era feito anteriormente, disse Ezídio Pinheiro, que aguarda que a Lei venha a ser promulgada sem vetos do presidente da República.

PRODUTOS TCHÊ, QUALIDADE COTRIJUÍ



Fones: 352-1222, Indústria - São Luiz Gonzaga
332-2400 e 332-1100, depósito, em Ijuí

Lavoura rala

O tombamento, uma doença que derruba a soja rapidamente, se espalhou pela região, levando muitos produtores a plantarem cinco vezes a mesma área

Como se não bastasse o atraso na plantio provocado pela falta de recursos, a soja, nesta safra, ainda continua rasteira na lavoura por causa da disseminação de uma doença chamada tombamento, que assim é denominada porque realmente derruba a planta tão logo ela brote no solo, obrigando o produtor a refazer o plantio. Embora não seja uma moléstia nova, o tombamento neste ano tem sido motivo de preocupação por parte dos técnicos e pesquisadores e causando muita dor de cabeça aos produtores, que chegam a fazer até três semeaduras na mesma área, sem ter certeza de que a planta continuará se desenvolvendo.

Caracterizado pelo ataque intenso de vários tipos de fungos de solo como Fusarium, Pythium e Rhizoctonia, o tombamento que leva o nome oficial de "duping-off", possui na verdade uma origem muito complexa, como salientam os fitopatologistas Nelson Neto e Fábio Dell Saglio, da Fundação Centro de Experimentação e Pesquisa-Fundacep, de Cruz Alta. Segundo eles, o problema é causado essencialmente pelo uso incorreto do solo, o qual acaba propiciando o aparecimento e ação intensa dos fungos que habitam a terra, principalmente quando o clima lhe é favorável, ou seja, com excessiva umidade seguida de elevada temperatura, como tem ocorrido atualmente.

De acordo com os pesquisadores um solo que vem recebendo o plantio de trigo sobre a soja ano a ano, acaba se tornando compactado, com uma camada superficial muito sólida. Após uma chuvarada, ocorre então um encharcamento deste solo, que sem rece-

ber uma subsolagem adequada, fica muito suscetível à proliferação dos fungos, os quais atacam a parte subterrânea da planta até a coroa, provocando logo em seguida, a morte da plântula, quando esta se encontra na fase inicial de desenvolvimento.

"O problema vem se alastrando a cada ano que passa, mas é bem mais significativo agora, devido as condições climáticas", explica Nelson, ao apontar o sistema de plantio em monocultivo como a mola propulsora para tornar o ataque de fungos em patologia, com sérias consequências econômicas e ambientais no Estado. Se o produtor continuar plantando soja, avisa o pesquisador, sem aplicar um sistema de rotação de culturas e sem adotar práticas necessárias à produção da cultura, como o tratamento de sementes, utilização de variedades recomendadas, adubação indicada com a área, e época adequada de plantio, o grau de incidência de tombamento deve continuar aumentando, ao ponto de se transformar em um fator limitante e chegar até a inviabilizar o plantio. **MAIOR INCIDÊNCIA** - Na área de atuação da Cotrijuí Pioneira, o problema do tombamento que vinha sendo registrado em setores localizados em outros anos, se generalizou neste, como afirma o coordenador da unidade de Ijuí, engenheiro agrônomo Airton de Jesus. São muitos os produtores que estão refazendo o plantio pela terceira vez, sendo que alguns deles já desistiram de semear a soja nas áreas afetadas preferindo ocupá-las com o milho. Quem não fez esta opção ou até mesmo desistiu de replantar tem o estande da lavoura fora do padrão recomendado, isto é, aos invés de 400

mil pés de planta, a lavoura possui 200 mil pés num hectare. Para recuperar a performance ideal, somente com um clima favorável, avisa o agrônomo, ao destacar a grande capacidade de compensação da soja.

O manejo inadequado do solo e o clima favorável à moléstia são fatores apontados por Airton ao analisar a grande incidência de tombamento. Mas ele considera também a possibilidade de a semente ter se transformado num meio de disseminação da doença. "Algumas variedades podem estar contaminadas pelos fungos devido ao excesso de chuva que ocorreu durante a colheita da safra passada", explica o agrônomo, no que é seguido pelos pesquisadores da Fundacep. Segundo estes, o fungo que provoca a morte da planta no seu início de desenvolvimento é o mesmo que ataca a planta adulta.

Com maior evidência nas áreas baixas, onde a deposição da água da chuva fica concentrada, o tombamento, além de se caracterizar como uma moléstia provocada pelo mau uso do solo, traz grandes dispêndios para o produtor que a cada replantio é obrigado a adquirir mais insumos, assim como aumenta progressivamente o seu gasto em combustível para refazer o preparo da terra.

ROTAÇÃO É INDISPENSÁVEL - "O que fica evidente com os danos do tombamento é que o produtor precisa adotar seriamente a rotação de culturas", frisa Airton, lembrando que "há 20 anos estamos plantando soja na mesma área", e também fazer uso da subsolagem no caso do plantio convencional, sem esquecer de tomar medidas preventivas como o tratamento de sementes com fungicida". Feito is-

so, se o fungo voltar a atacar a planta em decorrência de um período de oscilações de temperatura, das, o produtor deve apenas aguardar a normalização do clima para um replantio.

Para os pesquisadores, a adoção da rotação de culturas e as demais práticas indicadas para a produção da soja, são medidas não somente para o controle de pragas, como também para o controle de insetos, numa fase de desenvolvimento da planta, os quais podem levar a uma perda de até 100 por cento na produção. Entre estes insetos, os pesquisadores citam o tamanduá da soja, que causa estragos não apenas na soja, mais também no feijão e em leguminosas arbustivas.

"O pacote tecnológico recomendado para evitar todo tipo de pragas e pragas", destacam Nelson e Fábio, ressaltando que as pragas comuns à soja são bem mais conhecidas do que as de outras culturas. O cancro da haste e a antracnose, mancha olho-de-gato, a púrpura, míldio, além de outras, podem ser evitadas se o produtor preparar sua lavoura de acordo com as recomendações indicadas pelos pesquisadores.

Um bom exemplo pode ser citado através dos fungos, pois o tombamento tem alcançado níveis alarmantes neste ano, dizem os pesquisadores repetindo uma vez mais conhecida. Por serem habitados no solo, nunca poderão ser evitados, até porque são úteis ao solo. Por isso, não adianta usar em remédio ou fungicida, pois o controle depende muito mais do uso de continuar produzindo e não destruir o equilíbrio natural.

Os prejuízos do replantio

Em Ijuí, como nos outros municípios que pertencem a área de atuação da Cotrijuí Pioneira, o tombamento da soja é um problema generalizado. Em praticamente todas as localidades, um ou outro produtor está realizando o plantio pela terceira vez na mesma área, como é o caso de Paulo Tissot, proprietário de 30 hectares na Linha Base de Ijuí. Em 25 hectares de lavoura, da qual uma pequena parte é feita em plantio direto, o produtor se viu obrigado a replantar duas vezes pelo menos 10 hectares de planta, nos últimos dois meses.

Da primeira vez que a moléstia derrubou a soja, a planta já tinha recebido inclusive uma aplicação de inseticida misturado com o Baculovirus para controlar a lagarta. "Morreu quase tudo", conta Tissot, lembrando os 22 sacos de sementes que foram perdidos. Para não perder mais, o produtor esperou o tempo melhorar e começou a replantar a área atingida. A sua decepção não foi menor desta vez, pois quando tinha completado cinco hectares de replantio, caiu uma chuvarada - 50 milímetros em 45 minutos - seguida de alta temperatura. "O sol quente abatumou a terra e a soja apodreceu", lamenta o produtor, que teve de se lançar a um novo plantio.



Tissot

Depois da chuva, o sol abatumou a terra e a soja apodreceu

GASTO TRIPLICADO - Dessa vez, Tissot nem gradeou a terra. Aproveitou o que sobrou da segunda compra de sementes, adquiriu o restante na Cooperativa e fez o plantio por cima do que tinha sobrado na terra. "Como este ano nunca tinha acontecido", diz o produtor avaliando o que já gastou até agora por conta do tombamento. Só em semente foi usado o dobro que a área necessitava, além do combustível calculado em torno de 250 litros de óleo. Mas as perdas não ficaram somente nesta lavoura. Em uma pequena área de terras baixas, fora da propriedade, onde "a planta tava

bonita", o tombamento dizimou a soja.

"Acho que o clima e algumas variedades são os responsáveis por isso", analisa Tissot, reconhecendo, no entanto, que a maior parte da sua lavoura vem sendo ocupada apenas pelo trigo e soja, sucessivamente. No próximo ano, penso em dividir a área com o milho", diz ele, levando em conta a baixa resposta econômica que a soja tem trazido à propriedade.

No distrito de Dr. Bozano, o produtor Mauro Polleto também se viu obrigado a fazer um terceiro plantio em uma área de 12 hectares de soja. Proprietário de 27 hectares, ele vem plantando soja em sessenta hectares, sendo quarenta arrendados. "É a primeira vez que preciso replantar soja", diz Polleto, ao relatar o trabalho que tem tido com a área atingida pelo tombamento. Na primeira vez a planta nasceu bem, mas durou apenas cinco dias, conta o produtor, que logo em seguida fez o replantio da área.

A soja, no entanto, mal apontou na terra, teve o azar de levar uma chuvarada de 80 milímetros em meia hora, seguida de um sol fortíssimo. "Acabou de vez, de novo", lembra Polleto, que outra vez realizou o preparo da terra, inclusive levantando os terraços que a chuva tinha derrubado. Os gas-



Polleto

Com o replantio, as reservas foram gastos com o replantio até nem utilizados pelo produtor por "medo de assustar", pois embora contasse com semente própria, o dispêndio em combustível levou todas as suas reservas.

Confiando na estabilidade do clima, Mauro Polleto torce para que, segundo ele, este ano não seja doente. As razões da enfermidade, contudo, são difíceis de ser apontadas. A parte atingida pelo tombamento, por exemplo, há dois anos não tem trigo, e sim aveia preta para a colheita. Ele também usou variedades mais resistentes indicadas pelos pesquisadores, sem porém fazer o tratamento da semente. Polleto garante, no entanto, que "a semente tem boa germinação" e lembra ainda o caso de outros produtores que realizaram o tratamento mesmo assim tiveram de fazer o replantio.

Planta morre cedo e rápido



Willi Breunig
Morte estranha



Reinaldo Calgaro
Lavoura ficou rala



Valceri Tíbola
"planta está grandinha e continua morrendo"

É uma morte estranha, sei ainda a causa. O problema da planta simplesmente morre". O caso do seu Willi Bruno, produtor da localidade de Tenente Portela, quando as manchas de morte começaram a aparecer na sua lavoura de 65 hectares de soja, a qual foi plantada com as variedades Iguapé, IAS-4. Segundo o produtor, esta última variedade é a que mais tem sido atingida pela moléstia, que "aparece na planta".

A maior preocupação do produtor decorre do fato de a mortalidade das plantas ocorrer em pares na lavoura, isto em trechos onde a semente foi tratada com fungicida. Um pé aqui, outro lá, a lavoura vai ficando ralada, conta ele, contando os casos que o replantio pode ser baseado na experiência do vizinho que teve boa colheita na lavoura replantada. O prejuízo grande não só decorre da semente, mas também pelo óleo", diz.

Em Lageado Librino, município de Cedro Marcado, o produtor Tenente Portela, Reinaldo Calgaro é outro produtor que vem tendo prejuízo com o plantio. Ele planta 20 hectares de soja das variedades Bragg e Cobb, e usando semente tratada com fungicida a soja está morrendo. A planta mais atacada é a variedade Bragg. "Esta é a variedade mais sensível à moléstia", explica o produtor, dizendo que a morte das plantas acontece em manchas, impedindo a germinação.

Esta, na verdade, não é a primeira vez que o seu Reinaldo enfrenta este tipo de problema na lavoura de soja. A última vez que a soja morreu na lavoura, logo depois da colheita, foi há uns três anos com a variedade IAS-4. Neste ano, a lavoura ficou ralada e foi obrigado a fazer o replantio, embora a planta tenha atacado durante o replantio. "Daquele ano em diante mudou a variedade e fui obrigado a plantar Bragg. Agora a lavoura é mais demorada e já está com a variedade Cobb. "A lavoura está no ponto de enveredarem e continua morrendo", diz.

Mesmo quem ainda não teve experiência com a doença em anos anteriores está procurando explicação. "A planta está grandinha, e continua morrendo", diz Valceri Tíbola, de Santa Fé, Tenente Portela, que plantou 39 sacos de soja entre as variedades Bragg e BR-4. A última é a mais atingida pelo fungo, segundo o produtor. "A semente falhou e fui obrigado a fazer o replantio da área." Considerando "um problema novo", ele diz que a mortalidade em algumas áreas alcançou 50 por cento dos pés de planta.

FESTIVAL DE PRÊMIOS COTRIJUI

Sucesso total

Cíntia Zanella, de Coronel Bicaco e portadora da cautela de número 32.120, foi a ganhadora do automóvel Gol oferecido pela Cotrijuí através de uma promoção de vendas de final de ano chamada de Festival de Prêmios. A promoção iniciou em 10 de novembro e encerrou no dia 29 de dezembro quando aconteceu, via extração da Loteria Federal, o sorteio dos prêmios.

O segundo prêmio, uma TV Colorida, ficou para Paulo Bonher, de Ijuí, portador da cautela de número 51.180. Flávio Ferreira Filho, também de Ijuí, ganhou um refrigerador Prosdócimo com a cautela de número 55.300. O quarto prêmio, um aparelho de Som 3 em 1, saiu para a cartela 27.554, de propriedade de Aldemir C. Dallabrida, da unidade de Ajuricaba e o quinto prêmio, um fogão a Gás, com 4 bocas, saiu para Zart Condomínio Agropecuário, de Dom Pedrito.

Os demais prêmios, um rádio relógio, um rancho Lojas Cotrijuí, uma bateadeira Wallita, um liquidificador Singer e um faqueiro saíram respectivamente para Emílio Michalski, de Chiapetta, Paul Schwidercke, de Vila Coronel Barros, Clodoaldo Estopiella, de Chiapetta, Darci Pedro Menegol e Silvestre Szyeske, ambos de Ijuí.

RESULTADOS POSITIVOS - "A promoção foi um sucesso, deixando resultados positivos para a cooperativa quer seja no movimento de vendas, quer seja no seu relacionamento com o público consumidor", avalia Oswaldo Meotti, diretor presidente da Cotrijuí



Cíntia Zanella - foto acima - levou o automóvel com apenas uma cautela. O prêmio foi entregue pelo presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti. O segundo prêmio, um televisor, foi entregue pelo superintendente da Cotrijuí, Walter Frantz ao ganhador Paulo Bonher - foto ao lado



ao falar sobre o Festival de Prêmios promovido pela cooperativa neste final de ano. "O sucesso nos anima a fazer novas promoções em 91", adiantou ainda o diretor presidente da Cotrijuí referindo-se as 99.548 cartelas distribuídas durante os quase dois meses de promoção. Apenas 452 cartelas, "num índice até certo ponto normal", assegura Rolf Strey, gerente do Setor de Compras e Abastecimento, não foram colocadas. Em algumas unidades chegaram a faltar cartelas. "Considerando o fluxo das Lojas Cotrijuí de Ijuí, o maior número de cartelas ficou concentrado na sede e não houve tempo para remanejamento", lembra Rolf certo que, de qualquer forma os objetivos inicialmente propostos foram atingidos. Todos os prêmios distribuídos foram oriundos de doações

de fornecedores da cooperativa.

A resposta dada a promoção Festival de Prêmios Cotrijuí merece, segundo Rolf Strey, um agradecimento especial que se estende, não apenas ao público consumidor e aos fornecedores, mas também ao quadro funcional "que muito contribuiu para o sucesso da campanha". Animada com os resultados, a equipe de Compras e Abastecimento da cooperativa já está programando novas campanhas para 91. "Até o aniversário da Cotrijuí, vamos trabalhar em cima de promoções de vendas, ressaltou certo de que a Cotrijuí com o Festival de Prêmios Cotrijuí, além de privilegiar duplamente o público consumidor, vem mantendo, numa média geral, os melhores preços da região.

A identidade do produtor rural.

Ter **CONTA CORRENTE** na Cooperativa de Crédito Rural é a maneira mais inteligente de aplicar o seu dinheiro.

Além de possuir um cheque compensável nacionalmente, você tem à disposição uma gama de produtos e serviços garantida pelo SICREDI/RS, Sistema Integrado de Crédito Rural Cooperativo do Rio Grande do Sul.



Identifique-se. Na Cooperativa de Crédito Rural, você é mais do que um correntista. Você é **DONO**. Afinal, cheque assinado pelo **DONO** tem outro valor.



CREDIAJU

Cooperativa de Crédito Rural de Ajuricaba Ltda.
Rua do Progresso, s/n
Fone: (055) 124 ou 147 - Ramal 12
98.750 - AJURICABA - RS

Esperança de boa safra

Técnicos calculam que foram cultivados 25 mil hectares de arroz, 8 mil de soja e mais de 3 mil entre sorgo e milho. Mas as chuvas andaram atrapalhando culturas semeadas no tarde. Há áreas que terão de ser replantadas, principalmente de soja

Depois de duas safras frustradas motivadas pela seca que se abateu sobre a região nos últimos anos, o município de Dom Pedrito volta a conviver com a boa expectativa de colheitas fartas a partir do final do primeiro trimestre de 1991. Levantamento de dados feito na agência do Banco do Brasil, escritórios da Emater, Irga e na Regional da Cotrijuí, confirmam o bom momento que é vivido pelo município.

Com a normalização das chuvas, Dom Pedrito voltou a cultivar a sua área tradicional de arroz, que gira em torno dos 25 mil hectares/ano. E o arroz tem sido a principal cultura agrícola do município, inclusive, respondendo com boa produtividade. É esperada uma colheita superior a três milhões de sacas, que é perfeitamente viável, caso não aconteça nenhum problema de ordem climático durante o ciclo da planta. Com isso, os produtores esperam alcançar uma renda bruta que pode oscilar entre 25 a 30 milhões de dólares.

No ano passado, por consequência da seca, o cultivo do arroz ficou restrito a pouco mais de cinco mil hectares, constituindo-se na maior frustração de safra da história agrícola do município. Hoje, todos rezam para que jamais venha a ocorrer situação de tal gravidade para a economia local. A cultura do arroz é de importância vital para Dom Pedrito. É tão importante quanto a pecuária. Basta dizer que embora ocupe apenas 5 por cento da área do município, contribui com mais de 40 por cento dos tributos municipais.

GOVERNO FALHOU - Mas o que se observa, ao lado da boa expectativa dos produtores por terem alcançado a meta planejada de cultivo, é um forte ressentimento para com o governo, pelo fato de não haver alocado recursos suficientes para financiar a lavoura, principalmente devido aos revezes sofridos anteriormente devido a seca. E todos afirmam que se não fora a Cotrijuí, com seu troca-troca, e as empresas fornecedoras de insumos e fertilizantes, que apostaram nos produtores, iria se viver mais uma frustração, e não por culpa do clima, mas do governo, que não correspondeu com recursos suficientes, em tempo hábil.

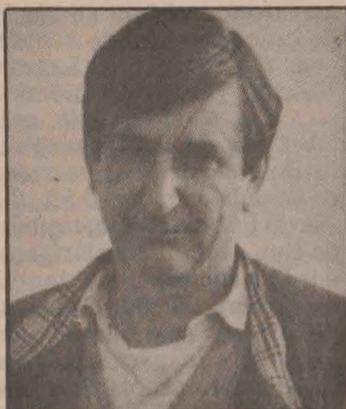
De pedidos encaminhados ao Banco do Brasil, totalizando exatos 17.344 hectares, saíram financiamentos para

12.140 hectares. Para os 5.204 hectares faltaram verbas, segundo o gerente de expediente, João Luis Karasek. Para que se faça idéia da significação desses mais de cinco mil hectares para a economia do município, é suficiente dizer que eles representam mais ou menos o total de área de lavoura cultivada na safra passada.

OUTRAS CULTURAS - Quanto as demais culturas de verão, também os volumes financiados foram bastante reduzidos. João Luis Karasek disse que de pedidos para 5.446 hectares para a soja, foram financiados só 2.178 hectares. E o milho e sorgo, o banco conseguiu repassar recursos para apenas 10 por cento da demanda. Isso quer dizer que a lavoura, com essas duas culturas, talvez chegue, no máximo, a 1.500 hectares.

O banco tem controle apenas para as áreas cultivadas sob contrato de financiamento oficial. Mas se sabe que a Cotrijuí e as empresas fornecedoras de insumos e fertilizantes, também repassaram recursos em espécie, para ampliar o volume da lavoura, nas quatro culturas mais tradicionais de verão, no município.

Os técnicos da Emater têm previsão para as seguin-



Eloy Cordero
Representante do Irga

tes extensões nas diversas culturas em Dom Pedrito:

Arroz..... 25.000 ha
Soja 8.000 ha
Sorgo..... 2.000 ha
Milho..... 1.200 ha

O técnico Edison Salvadé, da Emater, diz que a queda na área cultivada com soja, nesta safra, em relação a anterior, dá-se devido ao retorno do plantio de arroz ao seu espaço tradicional, de 25 mil hectares.

CHUVAS JÁ ATRAPALHAM - Mas para comprovar que a agricultura é uma loteria, o excesso de chuvas na época de plantio já andou causando estragos. Segundo o vice-presidente da Associação dos Agricultores de Dom Pedrito, Ricardinho Pilecco,



Controlador de água...
... em uma lavoura de arroz

muita semente apodreceu na lavoura. E essas áreas afetadas, esclareceu ele, terão de ser replantadas. Ele também não está muito otimista quanto a verdadeira extensão da lavoura de arroz.

Pilecco discorda da previsão de 25 mil hectares de arroz. Ele acha que o mais racional é calcular 22 mil, no máximo, 23 mil hectares cultivados.

O agrônomo Eloy João Cordero, gerente do escritório local do Irga, também não concorda que a extensão cultivada com arroz tenha chegado aos 25 mil hectares, apesar de ter chegado bem próximo, talvez, 24 mil hectares, representando um grande avanço relativamente à safra anterior. Mas culpa a falta de empenho do governo fede-



Edison Salvadé
Técnico da Emater

ral em distribuir recursos ao financiamento da agricultura. Diz que não atendeu apenas o ponto da demanda de financiamentos, quando em 1990 mais atendia até 30 por cento dos pedidos.

A identidade do produtor rural.

Ter **CONTA CORRENTE** na Cooperativa de Crédito Rural é a maneira mais inteligente de aplicar o seu dinheiro.

Além de possuir um cheque compensável nacionalmente, você tem à disposição uma gama de produtos e serviços garantida pelo SICREDI/RS, Sistema Integrado de Crédito Rural Cooperativo do Rio Grande do Sul.



Identifique-se. Na Cooperativa de Crédito Rural, você é mais do que um correntista. Você é **DONO**. Afinal, cheque assinado pelo **DONO** tem outro valor.



CREDITEPO

Cooperativa de Crédito Rural de Tenente Portela
RS 330 - Km 3 - Anexo Cotrijuí
Fone: (055) 551-1230
98.500 - TENENTE PORTELA - RS

Sem regulamentação em 90

É alto o potencial de produtos de países latinos a serem exportados por Rio Grande, sendo que o ano de 90 não conseguiu consolidar as expectativas. As perspectivas, porém, ainda são otimistas

uma frustração fe-
1990 no que diz respei-
comercial entre Brasil e
regulamentação de um
paraguaio, cuja pers-
aumentar em até seis
de soja do pa-
Porto de Rio Grande,

o depósito franco significa ao
de um local pri-
o exterior, de produ-
destinada. Atualmente, o
depósitos assim em
e em Santos (SP).
uma idéia, em 1988,
paranaense, o
578 mil toneladas
total de 1,3 milhões. A
um depósito deste tipo
representará, pela pro-
a região produtora,
exportação paraguaia
localidade no escoamento
hoje sai também pelo
Argentina.

entendimentos pa-
o depósito franco datam
quando houve oferta oficial
o assunto. Na ocasião,
possuía dois armazéns al-
paraguaios, um em Parana-
em Santos, construídos
de 60 e que ajudaram no
relações comerciais en-
No sistema de armazém
o Brasil cede no Porto,

uma área para recebimento, armazena-
mento e distribuição de cereais a granel
de procedência ou com destino a
outro país. Dentro do armazém, as
mercadorias não estão sujeitas a tribu-
tos, apenas a taxas de serviços presta-
dos e fiscalização é realizada na entra-
da e saída da carga.

DIMINUIÇÃO DE CUSTOS - Segun-
do analistas, a proximidade de Rio
Grande com a região sul do Paraguai,
onde é produzido a soja, pode trazer
ainda maior benefício a partir da cons-
trução da ponte ligando São Borja a
São Tomé. Ocorre que aquela região
fica a 800 Km de Rio Grande e a 1.200
Km de Paranaguá. A vantagem atual
deste último porto é que a produção
pode ir diretamente por rodovia, en-
quanto que para Rio Grande há ne-
cessidade de transbordo na fronteira
com a Argentina. Outra alternativa
atual é a passagem por Uruguaiana
percorrendo o total de aproximada-
mente 1.200 Km. Com a construção
da ponte não haveria necessidade de
transporte por balsa naquele trecho.

Mas em levantamento de custos
ao exportador, a coordenadora do
corredor de exportação no RS, vai
mais longe. Conforme João Floriano
Moreira Fagundes, assessor para as-
suntos internacionais do CEOT/RS,
não há dúvidas de que os custos de
transporte, das zonas produtoras refe-
ridas até o Porto de Rio Grande, tor-
nam-se a melhor opção em relação

aos Portos de Santa Catarina e Para-
ná. Neste sentido, ele considera co-
mo centro gerador de cargas, a locali-
dade de Encarnacion, no Paraguai, e
ainda a construção da ponte de São
Borja a São Tomé.

Sendo assim, de Encarnacion a
Rio Grande, pela ponte de São Bor-
ja, haveria um custo de transporte fer-
roviário em US\$ 20,26/tonelada. Da
mesma origem a São Francisco do
Sul (SC) pelo ponto de travessia rodo-
viário de Dionísio Cerqueira, o custo
ficaria em US\$ 46,31/tonelada. Ain-
da de Encarnacion a São Francisco
do Sul, pela possibilidade da ponte
de São Borja, o custo ferroviário se-
rá US\$ 29,57/tonelada e, finalmente,
da cidade paraguaia a Itajaí (SC), por
Dionísio Cerqueira, o custo do trans-
porte rodoviário estaria em US\$
46,76/tonelada.

PONTOS A RESOLVER - Mas para
o Porto rio-grandino captar cargas,
outros itens devem ser analisados, se-
gundo o assessor do CEOT/RS. "Pa-
ra que as cargas sejam movimentadas
pelo Rio Grande do Sul, analisa, não
só o único porto marítimo do Estado
teria de se adequar à nova realidade,
mas também o sistema de transportes
que se encontra atualmente sucateado,
tanto os equipamentos ferroviá-
rios como se analisada a idade média

elevada da frota de caminhões brasi-
leiros, além das péssimas condições
das estradas gaúchas.

O potencial de cargas das regiões
localizadas na área de influência do
Porto de Rio Grande leva a acreditar
até mesmo no que foi cogitado pelo
Deputado Athos Rodrigues (PDT),
de que o terminal marítimo viria a se
transformar no centro do sistema por-
tuário no contexto da integração do
Cone Sul. Hoje, no Paraguai, temos
800 mil toneladas entre soja e trigo,
100 mil toneladas de algodão e 250
mil toneladas de madeira. Pela Argen-
tina, na conhecida região do NEA,
podem ser computados 60 mil tonela-
das de algodão, 120 mil toneladas de
produtos químicos, 50 mil toneladas
de soja e 300 mil toneladas de madei-
ra. No Uruguai, estão 100 mil tonela-
das de soja, 80 mil toneladas de ceva-
da, 30 mil toneladas de carne e 60
mil toneladas de arroz.

Mas o coordenador do corredor
de exportação do RS, o economista
Clovis Azevedo e Souza, é mais oti-
mista. Ele calcula que o Paraguai po-
de atingir 3,5 milhões de toneladas
de soja nos próximos cinco anos. Des-
te total, por Rio Grande, estaria pas-
sando por volta de 1,5 milhão de tonela-
das da sua área de influência.

Política fronteiriça agrícola

análises otimistas que de-
senvolver, inclusive, com a ba-
comercial brasileira, nesta su-
peração entre países latinos,
considerações sobre o de-
senvolvimento econômico de uma re-
gião sul-americana, cu-
relação está ligada a quatro
formas fisiográficas notáveis.
os Portos da Costa Atlânti-
metropolitanas da Cos-
a bacia hidrográfica do Rio
e as regiões cobertas por der-
basálticos.

das áreas de maior produ-
agrícola do planeta encon-
na bacia hidrográfica do Rio
Ao sul desta bacia, dentro
rio argentino, encontram-
planícies do pampa úmido, con-
entre as mais férteis do
A leste e ao norte da bacia,
em território brasileiro,
quando um pouco a noroeste
sul, norte da Argentina e les-
paraguai, encontram-se os der-
basálticos, áreas onde estão
de maior fertilidade do Bra-
estas duas áreas, são produ-
em torno de 80 por cento da
nora destes países citados.

João Fagundes ressalta, porém,
é conhecido no sul do Brasil,
a estreita correlação entre
e produtividade agrícola,
ocorrência de solos derivados
basáltica. "O nível de ocupa-
é o mesmo em todas as re-
ele frisando que, enquan-
tados do RS, SC, PR, e SP

já ocuparam praticamente todas as
regiões onde este tipo de solo pode
ser encontrado, ainda restam frontei-
ras a explorar adequadamente no
Mato Grosso do Sul e Goiás, só pa-
ra citar alguns exemplos. "O mesmo
pode-se dizer de alguns departamen-
tos paraguaios e a Província de Mis-
siones na Argentina".

Conforme o assessor para assun-
tos internacionais do CEOT/RS, a
simples ocupação completa destas
áreas significaria multiplicar por dois
a produção de grãos da região. "O
aumento da produção agrícola princi-
palmente nas regiões já ocupadas,
poderia também ser obtido com o uso
racional da terra, implementando prá-
ticas conservacionistas e de correção
de solo", opina.

Se esta produtividade for atingi-
da, o volume de excedentes exportá-
veis destas regiões cresceria de for-
ma extraordinária, de onde uma boa
parcela seria abocanhada pelo Porto
do extremo sul em uma posição privi-
legiada na referida região, podendo
transformar-se em ponto estratégico
de escoamento desta imensa frontei-
ra agrícola. Mas para absorver uma
fatia considerável destes produtos, o
Departamento de Portos, Rios e Ca-
nais (DEPRC) terá que solucionar
uma série de problemas deste Porto.
"Precisaria, em primeiro lugar, dotá-
lo de uma política comercial agressi-
va, através de ampla divulgação de
suas potencialidades operacionais, fi-
sicas e gerenciais, pontos que ainda
estão para serem conquistados", con-
sultata Fagundes.



Quem Comprou Levou!

Relação dos sorteados no Festival
de Prêmios Cotrijui (29/12/90):

- 1º Prêmio - 01 Automóvel Gol Zero Km - Cautela nº 32.120
Cintia Zanella (Coronel Bicaco)
- 2º Prêmio - 01 TV Colorida 16" - Cautela nº 51.180
Paulo F. Bonher (Ijuí)
- 3º Prêmio - 01 Refrigerador Prosdócimo - Cautela nº 55.300
Flávio M. Ferreira Filho (Ijuí)
- 4º Prêmio - 01 Aparelho de Som 3 em 1 - Cautela nº 27.554
Aldemir C. Dallabrida (Ajuricaba)
- 5º Prêmio - 01 Fogão a Gás 4 Bocas - Cautela nº 78.645
Zart (Dom Pedrito - Agropecuário)
- 6º Prêmio - 01 Rádio Relógio - Cautela nº 02.123
Emilio Michalski (Chiapetta)
- 7º Prêmio - 01 Rancho Lojas Cotrijui - Cautela nº 08.115
Paul Schwidercke (Vila Coronel Barros)
- 8º Prêmio - 01 Batedeira Wallita - Cautela nº 00.355
Clodoaldo Estopilha (Chiapetta)
- 9º Prêmio - 01 Liquidificador Singer - Cautela nº 45.572
Darci Pedro Menegol (Ijuí)
- 10º Prêmio - 01 Faqueiro - Cautela nº 54.687 - Silvestre Szyeske (Ijuí)

Agradecemos aos clientes, funcionários e o seguintes fornecedores:

Comercial Curt Bercht S/A - Dicosul Dist. Cosm. Sol Ltda - Ind. Com. Conf. Bambina - Vitejack S/A - R. Meneguzzo Cia Ltda - Dal Monte & Cia Ltda - Coroa S/A - Colgate Palmolive Ltda - Johnsul Com. Repres. Ltda - Henrique Berguel S/A - Discatel Com. Repres. Ltda - Alcan Alumínio do Brasil S/A - Muraro & Cia Ltda - Coop. Vinícola Garibaldi Ltda - Heublein do Brasil Ltda - Cia Salinas Perynas Sal Moc - Três Portos S/A - Bayer do Brasil S/A - Ind. Palitos Três de Maio - Ind. Bebidas Sabara Ltda - Johnsul Com. Repres. Ltda - Tupy Ind. Com. Prod. Químico - Costa S/A - Ind. Reunidas Tatuizinho 3 Fazendas - Beralv Clorolul S/A - Bagetti Ind. Com. Ltda - Brasilit S/A - Tintas Renner S/A - Celme Ind. Com. Confeção Ltda - Laboratório Anacol Ltda - Eidt e Cia Ltda - Bayer do Brasil S/A - Cipla Ind. Prod. p/Lar Ltda - Cipla Ind. Prod. p/Lar Ltda - Multibazar Dist. Util. Dom. Ltda - Polina Polina Cia. Ltda - CBS Confeções Ltda - Nutritional S/A - Fasolo S/A - Wallita S/A - Termolar S/A - 3M do Brasil S/A - Heanlu Ind. Conf. Ltda - Confeções Fabiana Ltda - Malharia Frio Lá Ltda - Sanmartin Com. Rep. Ltda - Confeções Cassol Ltda - Rubem Saftro - Petrobrás Distribuidora Ltda - Winik Com. de Lubrif. Ltda - Malharia Joia Ltda - CCGL - George Aubert - Cordoaria São Leopoldo - Calçados Star Sax Ltda - Grandene - Telesca, Filgueiras Cia. Ltda - Pro-Higiene S/A - Refinação de Milho Brasil - Jorge Gustavo Birek - Nestlé - Fleischmann Royal Ltda - Usina Guarani Ltda - Plastisul-Art. Plast. Sul - Pepsi Cola - Coml. Rayer Ltda - Füller S/A - Mineração Monego Ltda - Natomar - Prosdócimo - Gráfica Manutius - Gráfica e Editora Nova Colméia.

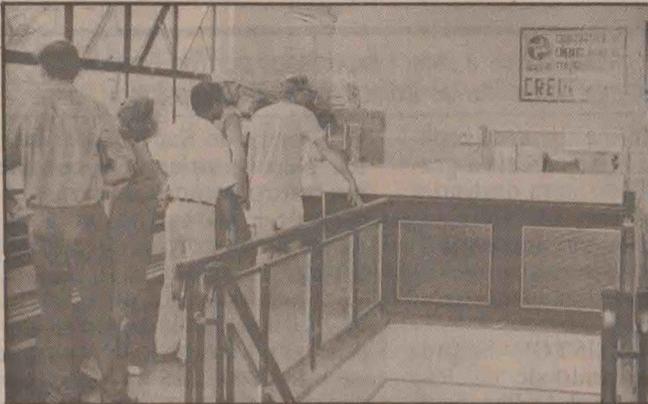


Z.comunic

A serviço dos associados

Inaugurada no dia 17 de agosto de 90, a Cooperativa de Crédito Rural de Tenente Portela, a 64ª do Sistema Integrado de Crédito Rural do Rio Grande do Sul, iniciou suas atividades com apenas 26 associados fundadores. Hoje, passados pouco mais de quatro meses, conta com um quadro social formado por 493 agricultores. "O pequeno produtor tem procurado a cooperativa por sentir que ela realmente serve aos seus interesses", avalia Ari Schmidtke, gerente da Creditepo. Essa boa aceitação e confiabilidade de uma cooperativa de crédito em Tenente Portela, tem a ver, segundo o próprio gerente, com o fato da Creditepo ter nascido dentro do município "e ser administrada por pessoas daqui mesmo". "Essa situação dá mais confiança ao produtor", diz ainda Ari que, além dos cinco funcionários conta com a ajuda dos produtores Mário Paludo, diretor presidente da coope-

A
Cooperativa
de Crédito
Rural de
Tenente
Portela
493
associados e
120 contratos
de
financiamento
de milho
liberados



rativa; de Nelson Coldebella, diretor administrativo financeiro e Milton Luís Calgaro, diretor de Crédito Rural, na administração da casa.

Apesar do ano difícil, enferrujado ainda mais pela falta de recursos oficiais para o plantio da lavoura de verão, a Creditepo conseguiu liberar cerca de 120 contra-

tos de financiamento para lavoura de milho puro e para área de milho consorciado com soja. "Se o governo liberar o restante do dinheiro para a lavoura de verão, vamos fechar o ano atingindo 100 por cento de nossos objetivos propostos", dizia Ari no início do mês de dezembro. Além de repasse para financiamento, a Creditepo oferece outros serviços aos seus asso-

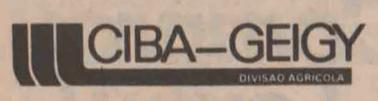
ciados, que vão desde abertura de conta-corrente "em qualquer nível financeiro", pagamento do leite, cobrança de energia elétrica, financiamentos pessoais a curto prazo e cadernetas de poupança.

Entre as metas de trabalho para 91, o Ari levanta a necessidade de melhor divulgar a cooperativa entre os produtores do município. Para tanto, ele já está programando algumas reuniões de núcleos e participações em programas de rádio. "Precisamos conscientizar melhor o produtor da necessidade e da importância de se unirem em torno da sua cooperativa de crédito, buscando resolver seus problemas. Outra proposta da equipe de trabalho da Creditepo diz respeito à ampliação de financiamento. "A nossa proposta é, através do sistema de crédito, procurar repassar recursos para financiamento para pequenos investimentos, mas a longo prazo", concluiu Ari.

Cooperativa de Ajuda... atender... possível... condições... seu quadro... ção e do... nelli, pres... garantindo... equilíbrio... Crédito... começou... atrás com... dos. Nesse... ção, ampl... cial para... conta, at... capital... de mais... lhão. Além... nários, de... Mattioni, d... te, a Cred... sua admin... laboração... deira, dire...

Preserve seus

CURACRON controla a Lagarta da Soja e preserva os insetos benéficos que combatem naturalmente as pragas da soja.



Os volumosos na produção animal

João Miguel de Souza

É interessante observar que até algum tempo atrás, os produtores e técnicos andavam à procura de espécies forrageiras com características que permitissem a sua produção em nosso meio, tanto na estação fria quanto na estação quente. Felizmente, nos apercebemos, todos, que esta planta não existia, como também não precisávamos dela. Afinal, temos o privilégio de poder explorar, em nosso meio, o potencial de produção tanto das plantas de clima quente — tropicais e subtropicais — quanto aquelas de clima frio — temperadas. Hoje plantamos todas, desde o capim elefante, a bermuda, hemátria, alfafa, aveias, azevém, até a ervilhaca e os trevos.

O atual desafio é ter volumoso todo o ano, fator imprescindível para o produtor de leite em especial. A conservação de forragem através da silagem e do feno nos permite isso. Inicialmente en-

silávamos apenas o milho. Mais recentemente começamos a ensilar o sorgo, o milheto, o capim elefante ou a cana misturada com milho. Isto no verão. Já no inverno, não conservávamos alimentos até alguns anos atrás, porém, os estudos com silagem de aveia, azevém com e sem leguminosa ou outras misturas, possibilitaram que estas culturas se façam presentes em muitos silos da região. Da mesma forma, tínhamos o costume de usar como planta para feno a alfafa. Hoje, usamos quase todos os cereais de inverno — aveia branca, aveia preta e azevém — para o mesmo fim.

Ainda temos muito o que avançar na confecção de silagem, com vistas a obtermos maior qualidade. Neste caso, entram as silagens pré-emurchedas tanto de cereais de inverno quanto de alfafa. Esta técnica nos permite a ensilagem da planta quando ela se encontra em estágio menos avançado de desenvolvimento e, portanto, com mais quali-

Para termos volumosos de qualidade o ano inteiro, ainda é possível contar com o escalonamento dos plantios de espécies anuais de inverno e verão. Assim, se semearmos aveia em área e períodos diferentes — em abril, maio e fins de junho — teremos pasto de ótima qualidade desde o mês de maio até dezembro. Da mesma forma o sorgo, o teosinto ou o milheto semeado nas restevas de aveia nos meses de setembro, novembro, dezembro e janeiro. Seguindo este esquema de semeadura, teremos pastagens de verão de ótima qualidade desde novembro até maio, fechando o ano. Esta estratégia é fundamental para o grupo de vacas em lactação, ou seja, a categoria

animal de maior exigência alimentar e que está produzindo o dinheiro para o bolso do produtor.

O próximo passo a ser dado pelos produtores que irão continuar na atividade leiteira, é ter alimento o ano todo em quantidade suficiente e qualidade necessária, buscando uma maior produtividade de leite. A pesquisa já demonstrou, em vários lugares, e com várias espécies de plantas, que a quantidade de forragem disponível regula o desempenho animal. Na figura a seguir, verifica-se que, com 500 quilos de pasto seco por hectare, temos ganho de peso negativo (-500 gramas/dia/animal). Já com 1.500 quilos — usando como exemplo uma

área de aveia com 30 centímetros de altura —, um bovino ganha por dia mais de 1 quilo de peso vivo, estabilizando-se os ganhos a partir de 1.500 a 2.000 quilos de matéria seca disponível por hectare.

Somente quantidade não basta. É preciso se ter qualidade, especialmente com categorias de animais exigentes, tipo vaca em lactação ou novilhos em crescimento. A tabela de número 1 mostra o quanto pode variar a produção de leite de uma vaca em função da qualidade — digestibilidade — do alimento que lhes é oferecido. Quando tinha 66,8 por cento de digestibilidade — como uma alfafa ou trevos —, o consumo de alimento seco foi de 15,4 quilos por dia e a produção de leite 19,3 quilos por dia. Já quando a qualidade baixou para 55,8 por cento de digestibilidade, o consumo diminuiu — 11,9 qui-

TABELA 1 — VARIÇÃO DO CONSUMO DE ALIMENTOS E DA PRODUÇÃO DE LEITE EM FUNÇÃO DA QUALIDADE DA FORRAGEM

Qualidade do alimento (digestibilidade)	Consumo do alimento (Kg de massa seca/dia)	Produção de leite (Kg por dia)
66,8 (100%)	15,4 (100%)	19,3 (100%)
61,3 (92%)	13,8 (90%)	13,4 (69%)
55,8 (83%)	11,9 (77%)	8,8 (46%)

Fonte: Adaptado de Assis (1982) e Mattos (1984)

CREDIAJU

do associado é fundamental

uma situação me-
dois meses após
sofreu o revés
de Estabilização
do Governo Col-
entre outras tantas
acabou extingüindo
prejudicando em
da cooperativa",
Gilmar Mattioni,
que naquela oca-
o associado pas-
descreditar na sua
"Agricultor ne-
trabalhar com
operativa de crédito
na nem compensa-
cheques", observa sem
soltar algumas crí-
relação a forma co-
conduzida à extinção
sem qualquer pro-

Para o Paulo Ottonel-
Crediaju, assim como
outra cooperativa de
rural, é uma necessi-
fundamental para os

agricultores, "mas eles preci-
sam entender melhor os seus
objetivos. Mas Ottonelli vem
apostando neste entendimen-
to por parte do associado que
certamente deverá resultar na
canalização de um maior vo-
lume de recursos via coopera-
tiva. Esse entendimento vai
passar, diretamente, por uma
maior participação do quadro
social na vida da cooperativa.
"O produtor precisa entender
que a cooperativa de crédito é
a sua casa e que a sua partici-
pação, seja com recursos, seja
na discussão de suas metas e
diretrizes, é fundamental",
reforça Elvio Bandeira.

É da participação do
quadro social "e conseqüente
do capital social" que a coo-
perativa vai oferecer condi-
ções de melhor atender aos
interesses dos produtores do
município, complementa Mat-
tioni. Em 90, por exemplo, em
função do capital integraliza-

do "ainda muito pequeno" e
da retirada do governo do
crédito agrícola, a Crediaju
conseguiu, ao longo do ano,
atender apenas os interesses
de 60 por cento do seu quadro
social. "Só com recursos da
cooperativa, fica difícil fi-
nanciar alguma lavoura ou
algum investimento a longo
prazo", diz ainda Elvio Ban-
deira.

PRIORIDADES — Apesar
do ano difícil e das previsões
nada otimistas para 91, a di-
retoria da Crediaju está tra-
çando metas de trabalho, "al-
gumas consideradas prioritá-
rias", que deverão ser cum-
pridas ao longo do ano. Para
começo de trabalho, pretende
fazer uma campanha buscan-
do aumentar o número de as-
sociados, confirma Ottonelli.
Mas o trabalho de conscien-
tização da importância da coo-
perativa de crédito rural den-



Os diretores da Crediaju
Elvio Bandeira e Paulo Ottonelli. Ao fundo o gerente Gilmar Mattioni

tro do município vai ser ainda
maior, "a nossa prioridade
para 91". O que nós quere-
mos, observa Ottonelli, é que
os produtores associados pro-
curem concentrar todos os
seus recursos dentro da sua
cooperativa de crédito, pois
por mais que exista crise,
existe dinheiro e este dinheiro
tem que passar pela coopera-
tiva". O produtor precisa ter
consciência de que o capital é
uma poupança a ser aplicado
na própria agricultura. O que
não podemos é ficar patinan-
do", diz ainda, apelando para
uma maior participação. Bus-
cando atingir estas metas, a
diretoria da Crediaju está
programando uma rodada de
reuniões e visitas, envolvendo
a comunidade. "A nossa

idéia, diz ainda, é criar lide-
ranças nos núcleos para que
divulguem as vantagens de
pertencer a uma cooperativa
de crédito.

Além de convênios as-
sinados com o Banco do Bra-
sil — poupança, repasse de re-
cursos, compensação de che-
ques, entre outros — a Credia-
ju tem ainda convênio com a
CEE e Ceriluz para recebi-
mento de contas da luz. Mas a
instalação de uma Central de
DDD no município de Ajuri-
caba vai agilizar, inclusive, os
serviços da Crediaju, "pois
então poderemos aumentar a
venda de serviços de over,
open, renda fixa, até então
muito pouco usados pelos as-
sociados", diz o gerente, Gil-
mar Mattioni.



CALIDA



LEBIA

Amigos naturais.

CURACRON

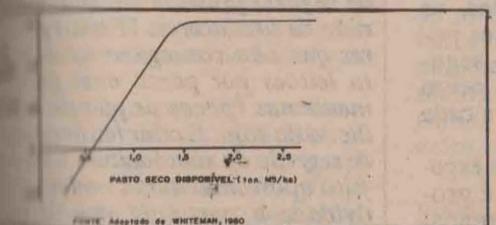
Para conter o avanço
da Lagarta da Soja.



Curacron® 500 CE Produto registrado no DEPROS-505/91/MA sob nº 028466-88
Marca Registrada de Ciba-Geigy - Basileia - Suíça

dois evidencia bem este as-
pecto, mostrando que animais
para passarem de 150 para 450
quilos de peso vivo, ganhando
250 gramas por dia, levarão
1.200 dias e consumirão 7,32
toneladas de forragem seca.
Já os mesmos animais ganhan-
do 1.100 gramas por dia le-
vam 273 dias para atingirem
os 450 quilos de peso vivo e
consomem 1,90 toneladas de
forragem seca neste período.

• **João Miguel de Souza é engenheiro agrônomo e Assistente da Área de Produção Agropecuária da Cotrijuí na Pioneira**



COMPARAÇÃO ENTRE GANHO DE PESO MÉDIO
(Kg/ANIMAL), NÚMERO DE DIAS PARA
TERMINAÇÃO E CONSUMO DE MATÉRIA SECA
PARA ALCANÇAR 450 QUILOS DE PESO VIVO

Dias para terminação	Consumo total de Matéria seca (ton)
1.200	7,32
273	1,90
Outros	

ALHO

Nos canteiros, a melhor renda

Imagine uma lavoura de nem
bem meio hectare colhendo o sufi-
ciente para que o seu proprietário ti-
re limpinhos, cerca de 150 mil cru-
zeiros. Pode não parecer muito di-
nheiro, mas é bem mais do que ele
ganharia, se ao contrário do alho, ti-
vesse optado por uma outra cultura,
como a soja, por exemplo.

A pequena lavoura, no en-
tanto, não é fruto da imaginação.
Ela foi feita pelo Alcio Wrass, asso-
ciado da Cotrijuí em Augusto Pestana,
que planta junto com o pai e o ir-
mão em 30 hectares na localidade de
Esquina Gaúcha. Há cinco anos tra-
balhando com alho, Alcio diz que
sempre se deu bem com a cultura, a
qual recebeu na última safra, um no-
vo sistema de plantio, que aliás, foi
o responsável pelo bom rendimento
da lavoura.

Utilizando as variedades La-
vínia e Roxo Pestana, Alcio resol-
veu dividir a lavoura em dois siste-
mas, fazendo um pouco com plantio
tradicional e outra parte com o siste-
ma de canteiros, método muito utili-
zado em Santa Catarina, e pelo qual
os produtores vêm obtendo mais do
que o dobro em produtividade, em
relação ao sistema convencional.

PLANTIO — "Apesar do aumento

de serviço, o sistema de canteiros
compensa bem mais", salienta o
produtor, explicando que o controle
do inço fica mais fácil. Quanto as
doenças comuns ao alho, como al-
ternária e ferrugem, os gastos são
menores, pois o uso de fungicida é
um pouco reduzido.

O plantio em canteiros, no
entanto, exige os seus cuidados e
técnicas especiais. Após o revolvi-
mento da terra, Alcio utilizou um
rolo marcador de madeira, o qual foi
construído de acordo com um proje-
to próprio, que tem a função de abrir
as pequenas covas onde são coloca-
das as sementes, obedecendo um es-
paçamento recomendado. Este espa-
ço, segundo o engenheiro agrônomo
da unidade da Cotrijuí em Augusto
Pestana, Alberto Rosseto, deve
atender às seguintes proporções: 50
centímetros entre as filas duplas, 10
centímetros entre cada lista de filas
duplas e 8 centímetros entre as plan-
tas.

Alcio também não esqueceu
de cobrir a semente com palha se-
ca de soja, picada. O cuidado é im-
portante porque tanto em anos nor-
mais ou ainda como no ano passado,
em que as chuvas foram excessivas,
a palha filtra melhor a água, fazendo
com que o solo permaneça úmido
por mais tempo e reduz a sua tempe-
ratura, impedindo no final, qualquer
processo erosivo.

A COLHEITA — "Já comecei gan-
hando em área", afirma o produtor
ao analisar a produção dos dois siste-
mas, apontando ao mesmo tempo as
vantagens do sistema de canteiros
sobre o tradicional, como a econo-
mia em adubo, herbicida, fungicida
e inseticida". A melhor constata-
ção, de acordo com o produtor, veio
mesmo com a colheita, quando o alho
dos canteiros de novo saiu na frente.
O melhor resultado ficou com a va-
riedade Roxo Pestana, plantada em
canteiro com palha, como mostra o
quadro abaixo.

PRODUÇÃO DE ALHO EM SISTEMAS DIFERENCIADOS

Variedade/sistema de plantio	produtividade
Lavinia no sistema tradicional	2.240 Kg/ha
Lavinia em canteiro com palha	3.750 Kg/ha
Roxo Pestana em canteiro com palha	4.021 Kg/ha
Roxo Pestana em canteiro sem palha	3.437 Kg/ha



O desafio de mudar

A suinocultura na região precisa dar uma grande virada. É hora de buscar melhor produtividade com menos custos. As Apsats são exemplos de experiências que têm apresentado excelentes resultados aos seus associados

A suinocultura na região vai ter que tomar um outro caminho. Esta é uma tecla que vem sendo batida e rebatida tanto por suinocultores, técnicos como pelos próprios dirigentes da Cotrijuí, num desafio a uma atividade que já foi tradicional na região, mas que hoje possui apenas potencial. O nível tecnológico empregado na produção tanto da matéria-prima como das instalações é ainda do tempo em que se engordava porco solto, "comendo mandioca", costuma dizer o médico veterinário Gerson Madruga da Silva, do departamento técnico da Cotrijuí, unidade de Ijuí.

Mas como sair de um nível de baixa produtividade tão acentuado e tornar a atividade eficiente numa época tão difícil, quando os recursos para investimentos são escassos e pela hora da morte e o preço do suíno vem atravessando um dos seus piores momentos? "Esse é o grande desafio", responde o Madruga, referindo-se a necessidade da suinocultura avançar na região, "mas de forma organizada e efetiva". Para o veterinário, a saída,

para o momento, é a produção de forma associativa, em condomínios, "assim como estão fazendo os produtores de Santo Cristo". Concentrando as matrizes em apenas um condomínio, o produtor não vai estar apenas reduzindo seus custos de produção, como também economizando em mão-de-obra, viabilizando o melhoramento genético, o manejo sanitário e buscando um aumento da sua produtividade. Ele coloca ainda, ao lado destes fatores, a nutrição, o melhoramento das instalações, pois o produtor não necessita mais fazer grandes investimentos de forma isolada", e a administração.

Os condomínios, de que tanto fala o Madruga, são, em resumo, as Associações de Prestação de Serviço e Assistência Técnica, mais conhecidas pelos produtores como Apsats. Essas associações das quais hoje tanto se ouve falar, não são novas. Elas já existem desde o início da década de 80 em municípios como Santo Cristo e Tenente Portela. O exemplo destes dois municípios começa, hoje, a se alastrar por outros municípios da

área de atuação da Cotrijuí, como Augusto Pestana - que possui sete grupos de Apsats organizadas -, em Jóia, Ajuricaba, Ijuí, Chiapetta, Tenente Portela e Miraguai.

"Elas são, hoje, a única forma do produtor de suínos, principalmente o pequeno, se viabilizar dentro da atividade", insiste o veterinário, citando a escassez de recursos como fator limitante da modernização da atividade. Uma outra necessidade é a implantação de granjas multiplicadoras, "que repassariam as matrizes aos produtores" e o sistema iniciador/terminador.

CONQUISTA - Pela experiência dos produtores de Santo Cristo e de Bom Plano, interior de Vista Gaúcha, nenhum produtor tem mais dúvidas de que, via associativismo, ele pode avançar mais rapidamente, seja na suinocultura ou em qualquer outra atividade. "O poder de barganha de um grupo que trabalha junto, é muito maior", lembra Deniz Antônio Dallabrida, presidente da Apsat São José, de Ajuricaba. Nessa barganha, entra, inclusive, a questão do preço. "Essa vai ser uma

conquista do produtor, seja por meio de tipificação de carcaças, seja por meio de tipificação de carcaças, Gerson Madruga referindo-se ao aumento pela qualidade da carne, e não pela pelagem, como se tem feito. A própria Cotrijuí, através do Frigorífico São Luiz, já tem dado alguns passos nessa direção, introduzindo o sistema de classificação da carcaça. "A remuneração de acordo com a espessura da carne e o peso da carcaça", diz Madruga, lembrando que a Prefeitura de Cotrijuí, tem tudo para dar um salto de 360 graus.



Darci Sallet

Doando os terrenos

O município de Augusto Pestana conta, atualmente, com sete Apsats de Suínos formadas, frutos de muita discussão e conscientização do produtor de suínos, através da união, tornando a atividade mais eficiente. Mas essas associações não se formaram sem o apoio da Prefeitura Municipal de Augusto Pestana. Elas contam com o apoio do prefeito Darci Sallet, unidade de Augusto Pestana, da Prefeitura Municipal que não tem medido esforços para ajudar aos produtores a sair de um projeto que pode significar um novo rumo na suinocultura. "O interesse da Prefeitura é incentivar a criação de mais suínos visando o aumento da economia das pessoas que vivem no município. A suinocultura é uma atividade tradicional que precisa ser incentivada o prefeito Darci Sallet é também veterinário.

Além de ter colaborado com ônibus, para que os produtores fossem a outras associações, o município encaminhou a Prefeitura e já ter feito a doação de terrenos, - para a Apsat da Linha São João - o prefeito Darci Sallet se faz presente em reuniões com produtores. "Temos produtores que não conseguem alcançar leitões por porca ano, principalmente nas épocas de plantio de milho e de soja. E criar leitões de segredo da suinocultura", diz Sallet apostando numa melhor produtividade a partir da colocação em funcionamento das sete Apsats, prometendo, assim que chegarem os cursos ajudar, não só na construção dos terrenos, mas nos trabalhos de terraplenagem e na instalação de redes de água e energia. "Para cada grupo formado, a Prefeitura vai doar a área", avisa o prefeito Sallet não acredita em suinocultura sem produção de milho. "Essa é a cultura da década de 90

Sete grupos formados

Com uma média de três a quatro criadeiras por produtor, Augusto Pestana é outro município que vê nas Apsats um meio de viabilizar a suinocultura e consequentemente as outras atividades que a ela servirem. Atualmente já são sete associações em fase de registro definitivo: a da Linha São João, com 23 produtores, a do Marmeleiro, com 16, a de Arroio Bonito, com 12, a de Fundo Alegre, com 12, a de Rosário, com 14 e a de São Miguel, com 13.

Criadas também a partir da experiência de Santo Cristo, as Apsats de Augusto Pestana se baseiam num espírito de união característico das associações, pretendendo, na prática, fazer do pequeno produtor de suínos, hoje sem recursos para investimentos, um especialista em engorda e terminação de porcos. "É uma forma de fazer com que o produtor, mesmo sem condições de construir qualquer instalação, ganhe em produtividade, através, da união que viabiliza a produção de leitões", afirma o veterinário Jorge Schiffer, responsável pelo setor de suínos na unidade da Cotrijuí em Augusto Pestana.

ENTUSIASMO - A manutenção do produtor no mercado, mensalmente, é a primeira vantagem apontada pelo produtor Valdir Walter, proprietário de 23 hectares de terra, e um dos membros da Apsat da Linha São João, a primeira associação que surgiu em Augusto Pestana e que tem servido de exemplo no município. "Não se tem tecnologia apropriada ou ela é muito antiga", diz Valdir ao apontar as razões que levam os produtores a reunirem-se em associações desse gênero. "Meu sistema de criação, como de todo o pessoal por aqui é de 25 anos atrás", frisa o produtor calculando que, através da Apsat, terá maiores condições de saber "como tratar melhor dos animais para ter garantida uma renda mensal".



Valdir Goergen



Dorvalino Bernardi



Valdir Walter

Com uma cota mensal de 15 leitões para cada produtor, a Apsat da Linha São João, segundo Valdir, tem previsto ainda em seu estatuto, a distribuição do esterco para adubação orgânica das lavouras e também a aquisição de equipamento como esparramador de esterco ou outro tipo de maquinário que servir à produção de alimentos para os animais. Esse ponto, aliás, é bastante salientado por Valdir, pois "os produtores pensando conjuntamente sobre a melhor opção de plantio, podem obter ainda um maior poder de barganha no mercado".

"É melhor brigar junto do que sozinho", resume o produtor Dorvalino Bernardi, 24 hectares e integrante da Apsat de Arroio Bonito, ao explicar suas razões em participar da Associação. Ele, também como Valdir Walter, vinha trabalhando com a suinocultura em "ritmo lento", chegando ao ponto em que, mesmo com três criadeiras, o lucro não aparecia.

"A gente tem vantagem mesmo pagando 50 por cento a mais pelo leitão", diz o produtor que já tem estipulado pela associação, uma cota de 10 leitões ao mês, e prevê para o funcionamento inicial da Apsat, um volume de 100 criadeiras, as quais devem render 1500 leitões ao ano.

REDUÇÃO DE CUSTOS - O presidente da Apsat de Fundo Alegre, o produtor e técnico agrícola Valdir Goergen, faz questão de ressaltar que

na sua comunidade, "até que o pessoal tem alguma estrutura na atividade, e mesmo assim não faltou entusiasmo para formar a associação, principalmente por estarem conscientes de que, na atual situação econômica, a pequena propriedade não sobrevive, caso permaneça insistindo em priorizar apenas o trigo e a soja".

Com a associação, prevê o técnico agrícola, "o maior problema do pequeno suinocultor, que é a criação dos leitões, está resolvido, garantindo por isso, de saída, 50 por cento do lucro da atividade. Isso porque, segundo Valdir, sendo criados em instalações e com manejo adequados, os animais por volta de cinco meses podem chegar aos 90 quilos, o que, seguramente compensa os 50 por cento pagos além do preço do dia por cada leitão.

Fica mais fácil de atingir a especialização", conclui Valdir, que é proprietário de quatro hectares e arrendatário de mais quatro, destacando a estimativa de fechamento para o primeiro ano de funcionamento da Apsat com um total de mil e 380 suínos. Este total, somado às demais estimativas das sete Apsats do município, traduz uma previsão geral de aproximadamente 20 mil suínos ao ano, ou seja, o dobro da produção obtida, atualmente, por mil e 500 associados da unidade de Augusto Pestana.

O melhor preço dentro da propriedade

Renovação, de Bom Placido do município de Vista Alegre, a unidade produtora do Estado em forma de Associação fundada no dia 11 de maio de 1978. A idéia do grupo que hoje é a Associação, de trabalhar com suínos já vinha de dois anos. Atualmente, esse mesmo grupo trabalha com suínos e interesses comuns e interesses comuns para trocar experiências e dificuldades de criação de suínos em pequenas propriedades, trabalhando em terras próprias ou alugadas. Até já tínhamos discutido a viabilidade de criarmos uma unidade produtora de Máquinas e Implementos. O exemplo da Apsat São Pedro é uma fabriqueta de álcool. O grupo acha que se não fosse, iriam poder tirar uma unidade daquelas áreas excessivamente produtivas.

Com a ajuda da Emater de Teófilo, o grupo conseguiu identificar seus problemas, descobertos pelas vizinhanças, todo o trabalho com porco. "Foi a partir de aí que começamos a trabalhar com suínos, como produtora de leitões, como a melhor maneira de melhorar a taxa de desmama de leitões por porca/ano", diz o presidente da Apsat Renovação, Olívio Lorenzi. A decisão foi muito madura. As condições que possuíamos nas áreas também não eram boas, não tínhamos recursos para fazer, individualmente, os melhoramentos necessários", insiste.

Desde o início da construção da unidade produtora, o grupo que hoje tem 16 sócios, mas que já recebeu um financiamento social, na época equivalente a Cr\$ 10 milhões, com cinco anos

Apsat Renovação, a primeira do Estado. O matricário tem capacidade para 160 animais



de prazo para pagar e dois de carência. Para completar os recursos necessários, o grupo entrou com 23.400 quilos de porco que, convertidos em dinheiro - na ocasião o preço do quilo do porco valia Cr\$ 2,40 - deu em torno de Cr\$ 56.100 milhões. Com esse recurso, os associados construíram toda a unidade produtiva com capacidade para 160 matrizes, um silo com capacidade para 3.500 sacos de produto, uma fabriqueta de ração constituída de secador, misturador e duas moegas.

Atualmente o número de matrizes da Apsat Renovação já é quase que insuficiente para atender as necessidades do quadro social, embora cada componente do grupo trabalhe com cotas definidas - cada cota equivale a 10 leitões. Uma nova maternidade, com capacidade para 60 porcas já está sendo construída, mas o projeto para 91 é a construção de uma nova unidade, com capacidade para 100 matrizes. Essa necessidade maior de leitões não é apenas uma exigência do quadro social. A Apsat está comprometida com a Cotrijuí, unidade de Tenente Portela, para fornecer leitões de 25 quilos. Em 90, por exemplo, a Associação repassou 430 leitões,

"mas o nosso compromisso para 91 é o de entregar de 900 a 1.000 leitões para a cooperativa", informa Olívio.

O sócio que possui a maior área de terra, 30 hectares, é também, o dono do maior número de cotas da Associação: 36. Ao adquirir o leitão, o associado paga 1,2, ou seja, para cada 100 quilos de leitão, ele devolve 120 quilos. "De dois anos para cá, observa Olívio, conseguimos reduzir a taxa de mortalidade de leitões desmamados em 40 por cento".

MAIS LONGE - Nenhum dos sócios da Renovação tem, hoje, alguma dúvida em relação a importância da Associação. "Ela vem atendendo plenamente os nossos interesses. Só achamos que ela, agora, que está atravessando uma situação equilibrada, precisa ir mais longe", diz o Olívio, sentindo a necessidade de trabalhar um pouco mais com o quadro social. As reuniões que aconteciam no início da década de 80 e que entravam noite adentro, estão sendo retomadas, "pois precisamos voltar a discutir a propriedade como um todo", assinala, preocupado com a questão de conservação do solo, por exemplo.

Mas o assunto conservação de solo ficou adiado para março e abril.

Agora a preocupação do grupo, e a discussão já anda correndo de propriedade em propriedade, está relacionada com a possibilidade da própria Associação financiar a construção de estrumeiras nas propriedades de cada sócio. Outro projeto é ampliar a fábrica de ração para atender o quadro social. "Atualmente ela atende apenas o consumo da unidade produtora de leitões, mas a idéia é estender esse benefício também ao quadro social", observa o presidente.

SAÍDA - Uma Apsat poder ser uma saída para o pequeno produtor viabilizar a atividade e permanecer trabalhando na terra. Só que essa saída, no entender de Olívio, passa por algumas provações. "O produtor precisa ter espírito associativista e trabalhar na agricultura. Se não se enquadrar nestes pré-requisitos e estiver pensando em só tirar proveito, ele não vai se acertar numa Associação. Ele tem que ter muito claro essas condições".

Outro conselho do presidente da Apsat Renovação: dobrar a produção de milho. Diz que um produtor que anda pensando em fazer parte de uma Apsat de suínos, deve pensar, antes de mais nada, em produzir o trato para os animais. "O produtor vai ter que buscar o melhor preço para o suíno dentro da sua propriedade", avisa. Esse melhor preço do qual fala Olívio não só passa pela redução dos custos de produção, via produção de milho e ração, como também pelo aumento da produtividade. Esse aumento vai depender do nível tecnológico empregado "e de uma série de outros fatores que vão desde a redução da taxa de mortalidade dos leitões, hoje um dos pontos de estrangulamento do encarecimento da atividade".

Uma tradição colocada em prática

O grupo de 31 produtores da região interior de Ajuricaba, aproveitando as características associativistas da comunidade - algumas famílias trabalham de forma conjunta, utilizando o mesmo maquinário - resolveu criar a Apsat de Santo Cristo e a Apsat de suínos. "Eles não trabalham na Apsat apenas uma forma de ganhar dinheiro com o porco, mas para utilizar o estercor como adubo e correção do solo", explica o educador da Unidade, Edmilson Dallabrida, presidente da Associação. Também está sendo considerado o tamanho da área para a produção de milho. Cada cota dá direito a 10 leitões, mas nem todos têm o mesmo número de cotas, até porque alguns sócios recém agora vão começar a trabalhar com porco", diz Edmilson Bandeira, o secretário da Associação.

Sem qualquer noção do que representava uma Apsat, uma comitiva de produtores da Linha 23 foi até Santo Cristo conhecer a experiência "de que tanto se falava". Ficamos surpresos com o que vimos, confessa Edmilson, referindo-se a organização das Apsats e a qualidade e quantidade de leitões produzidos por porca/ano "e que sobrevivem até a terminação". Em casa, fica difícil segurar uma média de 14 leitões por porca/ano em função das

próprias instalações que não são as mais adequadas e do tratamento dispensado. Lá, vimos média de 18 a 20 leitões porca/ano. O produtor, trabalhando de forma individual, não se dá conta de que cada leitão que morre ao nascer, é dinheiro que está perdendo", admite o produtor.

CAPACIDADE - O projeto da Apsat São José é para 182 matrizes, "considerando a capacidade de instalação de cada um dos sócios ou do que pretende construir", afirma Edmilson Dallabrida, presidente da Associação. Também está sendo considerado o tamanho da área para a produção de milho. Cada cota dá direito a 10 leitões, mas nem todos têm o mesmo número de cotas, até porque alguns sócios recém agora vão começar a trabalhar com porco", diz Edmilson Bandeira, o secretário da Associação.

Sem qualquer noção do que representava uma Apsat, uma comitiva de produtores da Linha 23 foi até Santo Cristo conhecer a experiência "de que tanto se falava". Ficamos surpresos com o que vimos, confessa Edmilson, referindo-se a organização das Apsats e a qualidade e quantidade de leitões produzidos por porca/ano "e que sobrevivem até a terminação". Em casa, fica difícil segurar uma média de 14 leitões por porca/ano em função das

A Apsat São José está localizada na Linha 23, Ajuricaba. Edmilson Bandeira, Denis Dallabrida - o presidente - e Vilson Marquesin



CERTO - "A tendência é de dar certo", observa confiante o Vilson Marquesin, o segundo secretário da Associação, apostando no espírito associativista do grupo. "A comunidade tem

próprias instalações que não são as mais adequadas e do tratamento dispensado. Lá, vimos média de 18 a 20 leitões porca/ano. O produtor, trabalhando de forma individual, não se dá conta de que cada leitão que morre ao nascer, é dinheiro que está perdendo", admite o produtor.

CERTO - "A tendência é de dar certo", observa confiante o Vilson Marquesin, o segundo secretário da Associação, apostando no espírito associativista do grupo. "A comunidade tem

tradição em trabalhar de forma conjunta. A idéia do associativismo já está formada há muito tempo e, depois temos consciência de que criar suínos nem sempre é um mar-de-rosas. Tem as épocas de crises que, acreditamos, com trabalho e eficiência, vão se tornar mais suportáveis".

Para a instalação da Associação, os sócios da Apsat São Pedro estão contando com o apoio da Cotrijuí, unidade de Ajuricaba, "que já nos trouxe a idéia e nos incentivou na organização", lembra Edmilson e da ajuda da Prefeitura Municipal "que prometeu o terreno, os trabalhos de terraplenagem e a instalação das redes de energia e de água". Parte da expectativa dos produtores é confirmada pelo Secretário Municipal de Agricultura. "A Prefeitura está disposta a ajudar com o terreno", diz o secretário Adelar Colatto, contando que o município já deu uma mão no encaminhamento dos papéis para registro da Associação e na contratação do ônibus para a excursão a Santo Cristo.



A experiência Santo Cristo

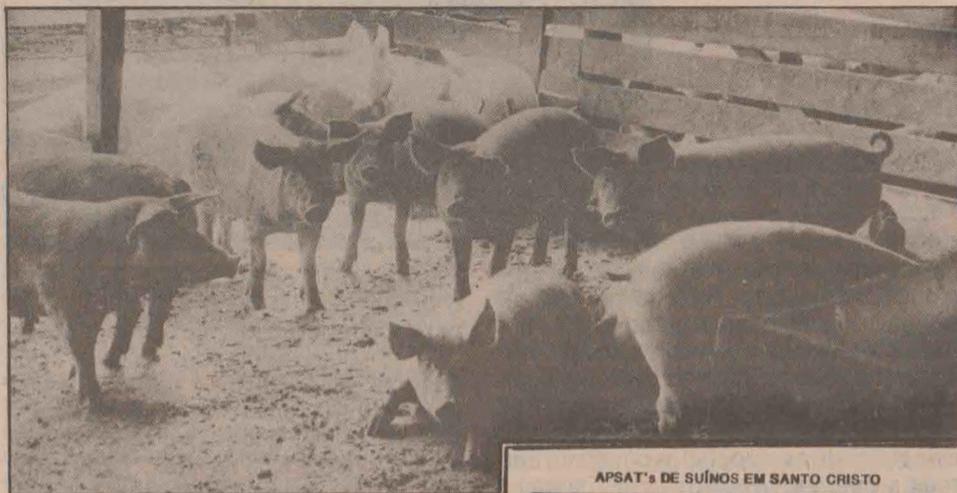
O município de Santo Cristo conta, atualmente, com 20 Apsats, cinco das quais em pleno funcionamento, e produzindo em torno de 13 mil leitões por ano

O município de Santo Cristo, vizinho de Santa Rosa, está, hoje, para as Associações de Prestação de Serviços e Assistência Técnica, assim como a região de Toledo, no Paraná, esteve para os murunduns, no início dos anos 80. Poucos são os produtores de suínos da região Noroeste do Estado e circunvizinhança que, se ainda não estiveram por Santo Cristo dando uma olhada no funcionamento das Apsats, pelo menos já ouviram algum vizinho comentar sobre o assunto. A fama das Apsats de suínos de Santo Cristo já ultrapassa as fronteiras do Estado, indo bater às portas de produtores de suínos de Santa Catarina e do Paraná, numa demonstração de que o associativismo ainda pode levar o pequeno produtor a tirar bons resultados de uma atividade, mesmo em períodos de crise.

Mas foi na localidade de Bom Plano, interior do município de Vista Gaúcha - que na época fazia parte da área de ação do município de Tenente Portela -, que nasceu a primeira Apsat de suínos do Estado, servindo, inclusive, de modelo para a Associação Santo Cristo, a primeira do município. Hoje, passados seis anos, Santo Cristo conta com 20 Apsats organizadas, embora apenas cinco - quatro são produtoras de leitões e uma de terminação - estejam plenamente estruturadas e em funcionamento. "As demais só não estão em funcionamento, porque já não existe mais uma linha de crédito que dê suporte à experiência, sem castigar em demasia os seus associados", diz o engenheiro agrônomo Lauro Francisco Schneid, chefe do Escritório da Emater de Santo Cristo.

EXEMPLO - Na época em que se começou a falar na importância das associações de produção de leitões, como forma não apenas de reduzir os elevados custos de produção, mas também para buscar uma maior produtividade, poucos produtores levaram fé na idéia. "Hoje, diz ainda o Lauro, muitos daqueles produtores que se colocaram contra a idéia, são presidentes de Associações em formação". Mas foi preciso quatro anos de experiência, para que a Apsat Santo Cristo servisse de exemplo e puxasse a formação de outras Associações como a 25 de Julho, a Primavera, a Estrela Nova e Beija Flor, todas elas em pleno funcionamento e numa situação econômica bastante equilibrada.

Mas o que é, na verdade, uma Apsat? Pode ainda perguntar algum produtor menos esclarecido no assunto. "No começo eu não sabia se era de comer ou de beber", costuma dizer o produtor Guido Diehl, presidente da Apsat Santo Cristo, mostrando que, até o início dos anos 80, muito pouco se sabia sobre esse tipo de associação. Uma Apsat nada mais é do que uma associação, com no máximo 30 produtores que tenham interesses afins e que, de forma associativista, buscam viabilizar suas propriedades, tornando-se especialista em determinada atividade. Elas podem ser de suínos, de máquinas e implementos e até de pecuária leiteira. Uma Apsat de suínos, por exemplo, é formada por uma unidade produtiva, onde existe um matrizário - prédio de monta, gestação, maternidade, creche - uma pe-



A assistência concentrada e o uso de tecnologia... vêm reduzindo a taxa de mortalidade dos leitões desmamados

quena fábrica de ração, depósito e moradia para os funcionários. Tudo isto é tocado por uma ou mais pessoas contratadas.

Os associados, de forma coletiva, são os donos das matrizes, e os leitões, ao atingir 25 quilos de peso, são

Nome da APSAT	Localidade	Nº de sócios	Nº de matrizes
Santo Cristo	Linha Central	18	210
25 de Julho	Linha Vênus	19	174
Primavera	Bom Princípio	22	207
Estrela Nova	Vila Sirla	35	130
Navegantes	Dona Beirna	27	
Beija-Flor	Linha 12 de Maio	14	
Cruzeiro do Sul	Linha Seca Alta	23	
24 de Agosto	Linha Alma	41	
7 de Setembro	Sede	13	
15 de Setembro	Linha Arnaldo	49	
Bela Vista	Bom Princípio	22	
Pioneira	Herval Novo	14	
20 de Setembro	Bom Princípio Alto	25	
Entre Amigos	Linha Revolta	18	
Querência Nova	Linha Saturno	12	
Amigos da Terra	Linha Larga	50	
TOTAL 16		402	721

	Média de seis meses							
	Santo Cristo	Primavera	Estrela Nova	25 de Julho	Santo Cristo	Primavera	Estrela Nova	25 de Julho
1. Nascimentos								
Total leitoadas nascidas	31	34	16	28	34	34	17,5	28
Média nascidos vivos/leitoadas	9,64	11,79	9,87	11,14	10,87	11,07	9,85	11,0
Média desmamados/leitoadas	9,81	9,75	9,59	9,66	9,98	10,02	8,92	9,48
2. Índices								
Leitoadas/por/ano	1,85	2,01	1,39	2,02	2,43	2,05	1,64	1,90
Leitões desmamados/porca/ano	23,28	20,75	18,34	18,86	20,12	21,11	19,92	19,00
Leitões vendidos/porca/ano	20,29	23,82	20,86	20,31	19,33	20,92	13,71	19,77
3. Mortalidade								
Nascidos/mortos/total nasc. vivos	7,66	3,99	4,43	1,60	4,23	3,61	5,23	1,93
Mortos maternidade/total nascidos vivos	12,71	6,23	6,32	13,78	10,39	6,66	11,21	10,98
Recria/total nasc. vivos	0,31	0,75	1,89	0,32	0,22	0,89	2,46	0,5

transferidos para as propriedades, onde são terminados. O número de cota de cada sócio vai depender da capacidade de instalação existente na propriedade e também da produção de

milho. Uma cota representa de 10 a 30 animais, dependendo do tipo de organização de cada Associação. **A PRODUÇÃO** - Santo Cristo sempre foi um município com tradição

em suinocultura, uma atividade a nível de pequenas propriedades constituída, normalmente com duas ou três porcas criadeiras, além das demais atividades agrícolas. "A falta de atenção", observa o Lauro, quem, conduzida desta forma, é difícil de se obter um bom resultado. O próprio uso de uma técnica mais sofisticada fica praticamente inviável diante de um número pequeno de matrizes, "só para transformar a suinocultura em atividade antieconômica", diz o Lauro, apostando numa suinocultura eficiente e estável a nível de propriedade.

Mas se a tão falada eficiência em suinocultura ainda não chegou aos níveis desejados pelos produtores de Santo Cristo, deve ser buscada perto. Não se pode dizer que a atividade continua a mesma de antes. Muita coisa mudou depois que nasceu a primeira Associação de Suínos. A mortalidade de leitões nas propriedades baixou, o nível de produtividade empregado está sendo melhor, a média de leitões vendidos por ano está em torno de 19,5.

A própria arrecadação de impostos em ICMS, que em 90 milhões vem sendo recolhido como resultado dessa atividade, "que só não avançou ainda mais por falta de recursos oficiais", diz o Lauro nas Associações Santo Cristo de Julho, Primavera e Nova. "Eles produzem, anualmente, em torno de 13 mil leitões de 25 quilos que são terminados nas propriedades dos produtores e abatidos pelo frigorífico da de Santa Rosa, "representando por cento da produção do município", diz Lauro. Esses 13 mil animais, produzidos no município, com um peso médio de 90 quilos, podem representar, considerando o preço de venda de 10 mil o quilo, em torno de 130 milhões mínimos circulando na própria região e gerados pela suinocultura. "E considerando outros itens, como o transporte, que também gera impostos, dos medicamentos", acrescenta Lauro.

Só engordando porco

Além das quatro Associações produtoras de leitões, o município de Santo Cristo possui ainda uma outra experiência: uma Apsat de terminação de suínos. Ela agrega 14 sócios que possuem em média de 6 a 7 hectares de terra e que, diante de tantas dificuldades, resolveram se unir para continuar na atividade, sem necessidade de fazer grandes investimentos individuais.

Na verdade, a idéia inicial do grupo que forma a Apsat Beija-Flor era a de construir uma unidade produtora de leitões com capacidade para 60 matrizes. Diante das dificuldades de se obter recursos, o grupo optou por demolir um prédio antigo de um dos sócios e construir, com recursos próprios, algumas doações - a Prefeitura Municipal doou duas mil telhas - e empréstimos - alguns sócios emprestaram madeira -, o prédio da terminação com capacidade para 50 leitões. "Esse grupo começou a sua Associação de trás para diante", observa o Lauro Schneid. Mas a idéia inicial, de produzir leitões, ainda não foi abandonada. Assim que aparecer algum recurso, o grupo pretende se candidatar e construir um matrizário para 60 matrizes.

Com uma situação equilibrada, o grupo já conseguiu,

via recursos do Feaper, ampliar o prédio de terminação para mais 50 leitões por mês, construir um depósito de grãos, adquirir um tostador de soja, um motor diesel, um triturador, um misturador de rações, instalação para a cozinha e casa para funcionário. Os sócios não possuem suínos na propriedade e, para suprir o consumo de carne e banha, adquirem três matrizes para reprodução. "Mas, mais tarde, os suínos e repartindo de forma igual", explica o Lauro. O esterco dos animais é distribuído para as lavouras dos sócios através de uma carroça. A Associação recebe os leitões do Frigorífico Prensado e sempre 50 por cento de acréscimo na hora de entrega. "Para um leitão de 20 quilos, a Associação paga 10 mil multiplicado pelo preço do suíno do dia da entrega", diz o agrônomo da Emater.

Nas previsões dos sócios da Apsat Beija-Flor, ao término do restante das construções, uma investida em áreas de pecuária de leite e avicultura. "Eles entendem que, trabalhando em grupo, a lucratividade é maior porque os custos de produção são menores",

A primeira do município

É possível falar sobre a importância de Santo Cristo, sem esquecer da história daquela cidade exemplo para uma experiência que é conhecida em todo o Brasil pelos resultados positivos alcançados. Tudo começou com o engenheiro agrônomo Nildo José Formigheri da Emater de Santo Cristo. Formigheri soube da importância de uma verba oriunda do município, destinada a ser aplicada em instalações de produtores. Foi um movimento tentado em reuniões de associações. Na reunião, realizada em setembro de 1986, escolheu como assunto a criação comunitária de suínos da cidade. Foram reunidos cerca de 70 produtores tradicionais do município. Na reunião, apareceram produtores que logo somaram apenas 11 produtores. Pouco para se obter o resultado para iniciar a obra, mas a verba era de 100 MVR por



Lauro Schneid
Chefe da Emater local

uma pessoa", lembra o Lauro Francisco Schneid.

Ao pequeno grupo se juntaram mais oito produtores e a fundação da Apsat Santo Cristo, a primeira do município, aconteceu no dia 1º de outubro, com 19 sócios. Em novembro iniciou-se a construção da Unidade Produtora de Leitões. "A construção da Unidade Produtora de Leitões foi em forma de mutirão. A cada quatro dias, o associado trabalhava um dia

livre dos incômodos



Guido Diehl,
presidente da
Santo Cristo
livre das
criadeiras

produtor Guido Diehl, 47 anos, hoje, o atual presidente da Santo Cristo. Proprietário de uma fazenda, ele lida com suínos há mais de 40 anos e ainda trabalha com a trabalhadora de trabalho. Ele tem 10/11 criadeiras e um rendimento que nunca passava dos 13 leitões por ano. Livre das criadeiras e incômodos, seu Guido conta que sempre foi mais convencido de que a saída é uma saída para o pequeno produtor. "Só desta forma é possível viver com alguma segurança", diz o produtor que também lida com a produção de soja, trigo, mandioca e milho. "Este ano vou colher o milho que chega", diz, orgulhoso de estar perto de casa e jogando o tempo em que a produção é feita e se vê obrigado a cuidar do trato.

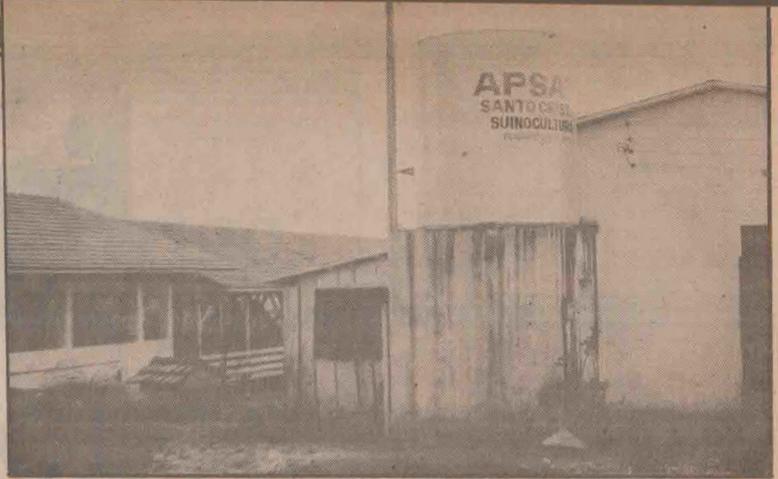
Justamente tentando melhorar a sua propriedade que, por estar atrás, contrariando o peso de alguns vizinhos, o seu Guido saiu do corpo na função da Apsat Santo Cristo. Admite que o comércio é difícil, mas a experiência não impede a atividade suínica do município. "Como também deu outro valor para o milho. Produtor que produz o milho, que não tem trato adequado para os animais, nem espaço para a atividade", avisa. Proprietário de cinco cotas - cada cota equivale a 30 leitões de 25 quilos - seu Guido tem terminado em torno de 200 animais, com uma média de 104 quilos. "Hoje tenho matrizes, mas engordo

mais porcos", diz ele. Peto trato que dispõe na propriedade e pelas instalações, seu Guido acha que poderia terminar um número maior de animais. "É por esta razão que estamos projetando para 91 a ampliação do matizário", diz.

SAÍDA - Para o pequeno produtor, "desde que não esteja descapitalizado", a Apsat é uma saída. "Mas para aquele que não produz o trato em casa, não serve", já avisa o produtor. É preciso ser prevenido e ter estoques de alimento em casa".

Entre as vantagens de pertencer a uma Apsat, seu Guido cita a questão do nível tecnológico, do aumento da produtividade, da redução nos custos de produção, "pois o produtor não tem que se envolver com instalações sofisticadas e nem com criadeiras", e a possibilidade de melhor enfrentar uma crise na atividade. "Não fica tão fácil do produtor se entregar numa época de crise", diz ele referindo-se a obrigatoriedade que cada associado tem de, na época programada, retirar os seus leitões da Associação. "Se faz parte de uma Apsat, mesmo na pior crise, é obrigado a retirar os seus animais. É um compromisso assumido e que tem que ser cumprido por todos", observa. Mas faz um alerta para quem está pensando em entrar para uma Apsat: o investimento é alto e a Associação é apenas um caminho para o produtor. Ela não vai resolver de um todo os problemas da propriedade", diz ele aconselhando ainda, por experiência, que os financiamentos de bancos sejam evitados.

A Santo Cristo,
a primeira do
município
As instalações
abrigam 211
matrizes



para a Associação", conta. A capacidade de instalação planejada abrigava 160 matrizes.

DIFICULDADES - Em março do ano seguinte, as instalações estavam prontas. Sem recursos e com apenas 42 matrizes colocadas, a Associação se viu obrigada a contrair junto ao Banco do Brasil, um financiamento para completar o resto do plantel - 120 matrizes e cinco cachaços -. O prazo para pagamento do empréstimo era de três anos, mas a correção era plena. As primeiras dificuldades começaram a aparecer. De cada 200 leitões de 25 quilos produzidos, 70 deles eram vendidos só para pagar o juro do empréstimo. "Foi um período difícil, que levou a diretoria da Associação a fazer uma espécie de "chamada de capital", conta o seu Guido Diehl, presidente da Santo Cristo. Alguns sócios pagaram cotas adiantadas e o financiamento foi pago em dois anos.

Outra situação de aperto ocorreu entre 85 e 86, quando a estiagem deixou toda a produção no chão e ninguém conseguiu colher milho. A situação ficou ainda mais feia com a crise da suinocultura de fins de 86. "Foi a pior crise da década", lembra Lauro Schneid. Na ocasião a Apsat vendia o leitão de 25 quilos ao sócio com 50 por cento de acréscimo. O pro-

ductor pagava Cr\$ 24,00 pelo quilo, mas vendia, três meses depois para o frigorífico, ao preço de Cr\$ 13,00 o quilo.

FAVORÁVEL - Superadas todas estas dificuldades iniciais, a Santo Cristo vive, hoje, uma situação bastante favorável. Já ampliou, "com recursos próprios", como faz questão de dizer o seu Guido Diehl, suas instalações que hoje abrigam 211 matrizes e tem planejado, para 91, a construção de novo matizário para abrigar mais 100 matrizes. O preço cobrado ao produtor é de 1,0 pelo quilo do leitão no pagamento à vista, com 30 por cento de acréscimo no pagamento de 30 dias. "Mas já houve uma época, assinada Lauro, em que a Associação cobrava o preço do dia, mais 50 por cento de acréscimo."

Toda a assistência veterinária, o fornecimento dos animais para reposição do plantel e a medicação é fornecida pelo Frigorífico Prenda que ainda oferece um preço de garantia, equivalente a quatro quilos de ração crescimento. O produtor, pelo seu lado, fica no compromisso de entregar todos os suínos terminados para serem abatidos no frigorífico, "um benefício que tem nos ajudado a superar esta nova crise no preço do porco", garante seu Guido Diehl.

O caminho certo

Quando o agrônomo da Emater de Santo Cristo, Nildo José Formigheri começou a falar da necessidade dos produtores de suínos se unirem em associações para melhor enfrentar as adversidades que seguidamente batem às portas da suinocultura, o seu Afonso Schaefer, proprietário de 35 hectares, foi um dos tantos que torceu o nariz. De saída, não acreditou muito naquela história de associativismo. Hoje, confessa que não sente a mínima vergonha de dizer que estava errado. E tanto o seu Afonso está certo que é, hoje, o atual presidente da Apsat 25 de Julho, a segunda a ser formada no município.



Afonso Schaefer
Errado no início

Quatro anos depois da fundação da Apsat Santo Cristo, os produtores ouviram falar na existência de um recurso da LBA, sem juro e sem correção monetária. Seu Afonso nem quis saber de perder tempo com discussão. Saiu a campo, procurando companheiros para formar uma nova Apsat no município. "O prefeito tinha o dinheiro para formar mais quatro Associações. Consegui, com muita dificuldade, reunir mais 19 companheiros. O pessoal ainda estava com um pouco de medo. Hoje, com um grito só, chove de gente interessada", conta o seu Afonso.

Localizada na Linha Vênus e construída com recursos da LBA e a complementação de verbas oriundas do Feáper, a Apsat 25 de Julho começou com 150 matrizes e oito cachaços. Atualmente, depois de ampliado o matizário, ela trabalha com 188 porcas. Além do preço do dia, cobra ainda 40 por cento de acréscimo no preço dos leitões entregues aos seus associados. Cada cota dá direito a 20 leitões.

CERTO - Proprietário de oito cotas, seu Afonso já não tem mais dúvidas de que tomou o caminho certo. Ele só acha que, pelas instalações que mantém na propriedade, poderia ter um número maior de cotas e, conseqüentemente, engordar mais porcos por ano. "A minha capacidade instalada é para 120 animais, mas normalmente engordo 80 de cada vez", observa. Mas de qualquer forma, ele garante que está satisfeito com os resultados alcançados. "Todo o mundo está vendo que a Associação está dando certo, mesmo que o preço do porco não seja dos melhores. Quem não está organizado, está andando ainda mais devagar", diz seu Afonso, transformando num grande defensor das Apsats, "desde que bem organizadas e formadas com recursos próprios. Dinheiro de banco tem juro muito alto, o que pode colocar em perigo a própria existência da Associação", adverte.

Argemiro Luís Brum
Montpellier - França



Os baixos preços aos criadores, a estagnação do consumo e a evolução desde 1988 e a substituição do produto à mesa pelas carnes de porco e aves, está dando início a uma crise no mercado de carne bovina na Comunidade Económica Europeia. Esta realidade, coloca por água abaixo a expectativa de que a França se torne ao mercado mundial como importadora de carne bovina.

CARNE BOVINA NA CEE

Contrariando as previsões

O mercado da carne bovina na Comunidade Económica Europeia (CEE) vive uma nova crise neste início de década. Crise esta refletida sob a forma de baixos preços aos criadores; consumo que não evoluiu desde 1988; substituição do produto na mesa do consumidor na medida em que as carnes de porco e de aves são mais baratas; etc. Para agravar a situação, a entrada da ex-Alemanha do Leste (ex-RDA) na CEE, através da unificação alemã, provoca uma oferta adicional e imprevista de carne. Uma realidade que exige do poder público, na ânsia de aliviar temporariamente a situação, a aplicação de duas medidas, a recomposição dos estoques reguladores oficiais; e uma pressão renovada das exportações para o mercado mundial. Medidas estas que se viabilizam graças a adoção de fortes subsídios.

Tal realidade contrasta com a expectativa criada no final da década de 80 pela qual a CEE retornaria ao mercado mundial na qualidade de importadora de carne bovina após a forte redução de seus estoques ocorrida nos últimos dois anos da década.

1 - QUEDA DOS PREÇOS EM FUNÇÃO DE UMA MAIOR PRODUÇÃO

Em um ano (outubro/89 a outubro/90) o "preço médio ponderado europeu" do bovino adulto caiu de 11 por cento. Para uma média inflacionária anual de 6 por cento na região, a queda se mostra significativa. De fato, de julho/89 a julho/90 o quilo da carcaça de vaca na França caiu de 21,92 francos para 20,04 francos (-8,6 por cento) enquanto o do novilho baixou de 23,64 francos para 21,51 francos (-9,0 por cento). Tal tendência se observa em todos os países produtores membros da CEE.

A queda nos preços ao produtor se deve sobretudo a uma maior oferta de carne a nível europeu. De fato, após a queda dos abates registrada em 1989, a produção se acelerou em 1990. Assim, de 3,3 milhões de toneladas de equivalente carcaça (t.e.c.) registradas entre maio-outubro/87, a CEE a 10 (excluindo deste total a Espanha e o Portugal) passou a 3,0 milhões de t.e.c. dois anos após. Entretanto, entre novembro/89 e abril/90 a produção voltou a crescer, atingindo 3,13 milhões de t.e.c.. No primeiro semestre de 1990, a produção de bovinos adultos na CEE a 10 teria crescido de 4 por cento.

TRÊS FATORES EXPLICAM O AUMENTO DA PRODUÇÃO

Três explicações maiores se destacam na análise que os especialistas europeus fazem sobre a questão.

2.1 - Aumento do peso médio das carcaças

Em primeiro lugar está o fato de que o peso médio das carcaças tem aumentado nos últimos anos. No caso dos bovinos adultos, o mesmo passou de 301 quilos em 1987 para 307 quilos em 1988 e 309 quilos em 1989.

Em outras palavras, 8 quilos a mais no peso em dois anos. Isto equivale a um crescimento de 2,6 por cento no peso médio da carcaça em 24 meses. No caso dos novilhos, um aumento de 6 quilos no peso médio por animal foi registrado no período de março de 1989 a março de 1990. Enfim, no que tange às vacas de reforma, o aumento de peso na carcaça, em 12 meses, ultrapassou os 3 quilos.

2.2 - Continuidade na aplicação das quotas leiteiras

Em segundo lugar, temos a continuidade da política das quotas leiteiras. Aplicadas a partir de abril de 1984, inicialmente por um período limitado a quatro anos, as quotas leiteiras têm sido reconduzidas ano após ano como medida eficaz para o controle da produção de leite e, por consequência, de seus derivados: manteiga e leite em pó.

Para se ter uma idéia do efeito das quotas leiteiras na CEE, nos seis anos de sua aplicação, analisemos a tabela nº 1 abaixo. Nela percebemos que no período 1983-1989 a entrega de leite nos principais países produtores caiu de um mínimo de 2,8 por cento na Irlanda para um máximo de 15,2 por cento no Reino Unido. Sendo que na grande maioria dos casos a redução ultrapassou os 10 por cento.

Duas consequências sobressaem desta realidade. Inicialmente o fato de que o rebanho leiteiro se reduziu significativamente nos países em questão. De 8,8 por cento na Irlanda a 23,7 por cento na França, esta queda se caracteriza como severa no contexto geral da CEE levando com isto a

uma maior oferta de carne bovina no mercado europeu, pois o descarte das vacas se deu pelo caminho dos frigoríficos. Em seguida, temos o fato de que o número de produtores de leite decresceu sensivelmente na Europa. De uma redução de 18,3 por cento de produtores no Reino Unido, chegou-se a 39 por cento na Dinamarca e 41 por cento na França.

No caso francês, em seis anos, assistimos a uma eliminação de quase metade de seus produtores de leite. Ora, muitos deles se reconvertem à produção de gado de corte, inflacionando ainda mais a oferta de carne bovina. Entretanto, uma grande maioria se viu obrigada a abandonar definitivamente o meio rural (sobretudo porque na França um grande número tinha mais de 50 anos de idade, fato que os levou a buscar a aposentadoria antecipada).

Entretanto, apesar de todos estes resultados, a produção de leite voltou a crescer em 1990. O aumento da produtividade acaba compensando a redução do rebanho e o volume total produzido voltou a crescer forçando uma recomposição dos estoques de manteiga e de leite em pó. Assim, nos primeiros oito meses do ano já havia 180.000 toneladas de manteiga em estoque, sendo que 160.000 eram estoques públicos. Isto significa cinco vezes mais do que havia no mesmo período de 1989. Sem contar que, a partir de 3 de outubro de 1990, tais estoques foram acrescidos de mais 35.000 toneladas provenientes da ex-RDA. No que tange ao leite em pó, a produção aumentou em 12,5 por cento nos primeiros sete

meses de 1990 em relação ao período anterior. Entre o 1º de março e o 31 de agosto de 1990 nada menos do que 155.000 toneladas de leite em pó desnatado foram produzidas nos países públicos, elevando o estoque no final de agosto para um total de 257.000 toneladas, o que é equivalente a 2,5 por cento da produção leiteira da CEE.

Para agravar a situação, nos últimos meses na Europa. É o caso da Alemanha que perdeu 10 por cento de sua produção em 1989 e já havia perdido 20 por cento de mercado na França em junho e julho de 1990 e 25 por cento na Holanda entre janeiro e fevereiro do mesmo ano.

Neste contexto, as medidas a serem tomadas deverão continuar a ser discutidas no conjunto da CEE nos próximos meses forçando uma constante reavaliação do rebanho leiteiro e, por consequência, uma pressão renovada de carne bovina. A previsão para este ano é de que em 1990 a CEE, incluindo Espanha e Portugal, terá abatido 6,9 milhões de vacas, contra 6,6 milhões em 1989. Por outro lado, o abate de bois deverá passar de 1,2 milhões de cabeças em 1989 para 1,3 milhões em 1991 (contra 1,2 milhões em 1989). Assim, a produção de carne bovina da CEE poderá atingir em 1990 a 6,75 milhões de toneladas (200.000 toneladas a mais do que no ano anterior), devendo crescer ainda 0,6 por cento em 1991. Com o agravante que a entrada da oficialização da unificação alemã das duas Alemanhas (O.L.A.) e a política de quotas leiteiras a serem aplicadas também na ex-RDA.

2.3 - A unificação das Alemanhas

Assim, temos um terceiro fator que explica a maior oferta de carne bovina na CEE neste início de década e que poderá alterar para cima as previsões já anunciadas. A entrada da agropecuária da ex-RDA na CEE, de sua unificação com a Alemanha Ocidental. Assistimos a uma eliminação maciça de produtores no mercado já difícil da CEE. A Alemanha deverá deixar de produzir em 1990 de 400.000 toneladas de leite em pó para cumprir com a quotas leiteiras a primeira campanha comercial de abril/91 a março/92 - esta região ficará de uma quota de 6,24 milhões de toneladas de leite). Tal redução implicará o abate de 100.000 vacas em dezembro/90 e março/91.

Nestas condições, as previsões mais otimistas dão conta de que a CEE fechou o ano de 1990 com um estoque total (público + privado) de carne bovina que ultrapassa largamente as 500.000 toneladas equivalentes a carcaça contra uma previsão de 300.000 toneladas. Neste contexto, ficam adiadas todas as esperanças que a Europa venha a recuperar sua atividade importadora como a era nos velhos tempos.

TABELA Nº 1: CEE - EFEITOS DA APLICAÇÃO DAS QUOTAS LEITEIRAS PERÍODO: 1983 A 1989

a) Entrega de produto	Volume (1989/90) (em 1000 TM)	1989/1983 (%)
França	23.811	- 9,0
Reino Unido	14.245	- 15,2
Holanda	11.080	- 14,2
Alemanha	21.699	- 13,8
Irlanda	5.187	- 2,8
Dinamarca	4.516	- 13,6
b) Número de vacas leiteiras	Rebanho (Dez/89) (em 1000 cabeças)	1989/1983 (%)
França	5.489	- 23,7
Reino Unido	2.932	- 13,3
Holanda	1.951	- 22,6
Alemanha	4.928	- 14,1
Irlanda	1.400	- 8,8
Dinamarca	770	- 22,1
c) Número de produtores de leite	Produtores (1989)	1989/1983 (%)
França	229.000	- 41,0
Reino Unido	41.957	- 18,3
Holanda	49.500	- 18,9
Alemanha	292.600 (*)	- 23,7
Irlanda	48.000	- 26,2 (**)
Dinamarca	21.700	- 39,0

(*) Se trata do número de propriedades produtoras de leite.

(**) Em relação a 1984.

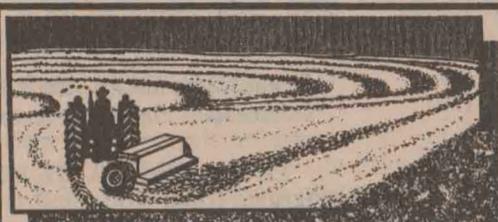
FONTE: Le dossier du GEB. - ITEB: Paris, nº 188, dezembro de 1990, p. 2.

TABELA 2 - AVALIAÇÃO PRELIMINAR DO USO DE INOCULANTE EM TRIGO-CULTIVAR BR-34. - CTC 1990

Tratamento	Rendimento de grãos Kg/ha
CN e SI	2.014 a
CN e CI	1.884 ab
CN30 e SI	1.704 ab
CN30 e CI	1.665 ab
SN e SI	1.627 ab
SN e CI	1.618 b
MÉDIA	1.756

INOCULAÇÃO DE SEMENTES

Perspectivas para o trigo



SOLOS

Coordenação do eng. agr. Rivaldo Dhein/CTC e do Clube Amigos da Terra de Ijuí
Colaboração do eng. agr. Ilário Gasparin, supervisor da área de Insumos da Cotrijui

A correção da acidez do solo no plantio direto

Os calcários, corretivos da acidez do solo por excelência, têm baixa solubilidade em água e, consequentemente, são pouco móveis e têm baixa capacidade de reação química no solo. Pode-se dizer que o calcário, no solo, permanece onde é aplicado (pelo menos por longo tempo) e tem condições de reagir, corrigindo a acidez do solo, somente ali.

Por esta razão, até hoje tem sido recomendado na agricultura convencional, que o calcário seja distribuído e incorporado de forma mais homogênea possível, na camada arável do solo, aumentando o contato entre as partículas de solo x calcário. Sua reação com o solo, consequentemente, será maior e mais rápida desta forma.

Não há dúvidas quanto a isto e, do ponto de vista da fertilidade do solo, o ideal continua sendo a aplicação da dose de calcário recomendada pela análise, de uma só vez, e incorporá-la na camada arável.

A expansão do Plantio Direto (PD), entretanto, principalmente como prática conservacionista de solo e água, e o consequente abandono do preparo do solo, introduziram a calagem superficial como prática rotineira em algumas regiões.

A adubação e a calagem superficiais do solo comprovadamente concentram maior fertilidade próximo à superfície, (tabela 1), o que inibe e limita o desenvolvimento radicular mais profundo das plantas, colocando-as em risco quanto ao abastecimento satisfatório de água e de nutrientes por ocasião de estiagens (mesmo pequenas).

As vantagens da incorporação dos corretivos no solo - do ponto de vista da fertilidade - por um lado, e as vantagens conservacionistas do Plantio Direto por outro lado, colocam a pesquisa e extensão rural em xeque perante o produtor, que busca uma orientação segura e abalizada para sua lavoura.

De um modo geral, o meio científico agropecuário não tem se manifestado claramente em apoio a uma outra posição. Ambas apresentam vantagens, dependendo do enfoque fertilidade química ou fertilidade física/conservação do solo. Até mesmo existem algumas dúvidas quanto a eficácia das atuais recomendações de corretivos e fertilizantes - praticados no plantio convencional - para as formas mais conservacionistas de preparo e de manejo do solo, especialmente. A opinião predominante, baseada em experiências estrangeiras, é de que as atuais recomendações satisfazem, sendo recomendável, entretanto, que as amostragens e análises do solo sejam mais frequentes e

mais detalhadas. Em vez de se coletar amostras de zero a 20 centímetros de profundidade, subdivididas, por exemplo, em zero a 5 centímetros, 5 a 10 e 10 a 15-20 centímetros. Calcular a quantidade de calcário mesmo que aplicado na superfície, de acordo com as necessidades para estes intervalos.

De qualquer forma, uma recomendação incontestável é quanto a correção do solo, de forma global (conforme a recomendação da análise) com incorporação convencional na camada arável dos corretivos da acidez e da fertilidade, por ocasião da mudança de sistema, do plantio convencional para o Plantio Direto. É importante que se parta para o Plantio Direto com o solo em boas condições, tanto químicas quanto físicas, incluindo também a eliminação do pé de arado.

Depois de implantado o sistema, a pesquisa aceita, do ponto de vista conservacionista do solo, que a calagem seja feita superficialmente, seja nas linhas de plantio ou a lanço.

Neste caso deve ser realizado mais frequentemente (não somente 4-5 em 4 e 5 anos como se recomendava no plantio convencional) e com doses menores de calcário. É muito importante que a soma das aplicações efetuadas em 4-5 anos não ultrapasse a dose recomendada pela análise.

Outros aspectos a serem considerados neste caso são:

a) Preferir os calcários mais finamente moídos, de ação mais rápida.
b) Se a aplicação for realizada na linha de plantio, observar que na aplicação, por ocasião do plantio do trigo, a distribuição no solo será muito melhor (espaçamentos: trigo, 17 centímetros entre linhas; soja, 51 centímetros; milho, 80 a 100 centímetros).

c) Observar que a lavoura seja terraceada - terraços de absorção - e que o solo esteja perfeitamente coberto, para que não ocorram perdas por erosão, pela chuva e pelo vento.

A prática do Plantio Direto contribui para a acidificação das camadas superficiais do solo, o que pode ser usado como justificativa para a calagem superficial, mesmo que o argumento seja frágil perante os demais.

Esta acidificação, que fica evi-

dente na tabela 01, principalmente se compararmos os dados apresentados nas colunas Plantio Direto e Plantio Convencional "sem calcário", é causada fundamentalmente por:

a) exudação das raízes das plantas, concentradas superficialmente;
b) decomposição dos resíduos vegetais também concentrados superficialmente;

c) adubação nitrogenada superficial (a nitrificação é acompanhada de acidificação do solo, pela liberação de H: $\text{NH}_4^+ \text{NO}_3^- + 4\text{H}^+$).

A correção da acidez do solo no Plantio Direto, sem dúvida, é mais complicada que no Plantio Convencional. Principalmente o controle sobre o pH do solo é dificultado.

De qualquer forma, não existe consenso quanto a adoção do Plantio Direto como prática exclusiva, inverno e verão, e continua ao longo dos anos, para o tipo de solo predominante na região - solo Santo Ângelo com 70 por cento de argila. As experiências de regiões mais ou menos próximas - Cruz Alta, Passo Fundo e Ponta Grossa no Paraná - não podem ser simplesmente extrapoladas.

Para alguns - meu caso particular - até o momento prevalece a idéia de que será necessário, de tempos em tempos, preparar o solo, quando então seria o momento adequado de proceder-se a sua correção.

O próprio aspecto das pragas moléstias, que vem se acentuando no Plantio Direto, reforçam esta idéia. Some-se ainda o crescimento de integração lavoura e pecuária e suas decorrências como: a) a intensa compactação superficial em consequência do pisoteio; b) a necessidade - eventual - de plantas forrageiras de sementes finas como trevos, etc, difíceis de estabelecer pelo Plantio Direto.

Parece que merece ser melhor pesquisada a alternância do Plantio Direto no verão aos diferentes tipos e profundidades de preparo do solo no inverno. Particularmente, depósito muita esperança na alternância do Plantio Direto no verão, com o uso de implementos de dentes ou hastes (subsolador, escarificador) no inverno.

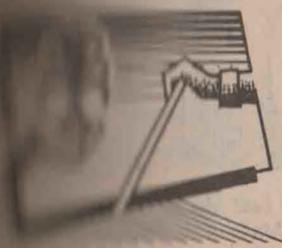
Comportamento da acidez do solo em função da calagem no Plantio Direto (após 10 anos). BLEVINS (1983).

COMPORTEAMENTO DA ACIDEZ DO SOLO EM FUNÇÃO DA CALAGEM NO PLANTIO DIRETO (APÓS 10 ANOS). BLEVINS (1983)

Profundidade no solo (cm)	Campo Nativo	Sem Calcário		Com Calcário	
		PD	PC	PD	PC
0-5	5,8	5,2	6,4	7,1	6,8
5-15	6,1	5,9	6,4	6,8	7,0
15-30	6,3	6,3	6,4	6,6	7,1

Início - 1979; Calcário: 6,7 t/ha em 1973; 11,2 t/ha em 1975

TECNICO



... de sementes é uma das práticas que tem beneficiado a agricultura através da associação de microrganismos resultando na fixação do nitrogênio no solo. Esta prática já é utilizada para as leguminosas, aplicando-se para outras espécies, como milho, arroz, etc. Mas, de contas, pode-se inocular sementes como o trigo? Quanto custa esta tecnologia?

... mostrados resultados obtidos com a inoculação de 584 quilos de nitrogênio por ano, em área cultivada com milho, ou seja, pode obter-se até 1.000 kg/ha/ano. Se tomamos o preço de 180 BTNf a tonelada, isto é, R\$ 180,00 em 3 de janeiro, poderemos calcular a economia que isto representa. Julgando do potencial máximo alcançado; no entanto, ao obtermos, veremos que outras espécies também são consideráveis. A soja, por exemplo, ocupamos nossa área de cultivo com fixar até 168 quilos de nitrogênio por ano, que significa pelo menos 370 kg/ha/ano. É uma quantidade bastante alta, por que não inocular se-

... mostrar que existem cultivares de milho que simbiose com o Rhizobium e o melhoramento genético fosse direcionado para cultivares, provavelmente teriam uma adubação de cobertura. Quanto custaria no total de custos? Certamente para admitir.

... na tabela 1, podemos verificar que, como é o caso do trigo, também existem 30 quilos de Nitrogênio/ha/ano. As gramíneas vem sendo mais estudadas, a partir do aproveitamento de *Aspergillum sp* - que associadas com o nitrogênio.

... ano recebemos uma amostra do Instituto de Pesquisas Tecnológicas e organizamos um experimento no campo no Centro de Treinamento. Adotamos a mesma técnica de preparo para a soja, com a cultivar recomendada da produção de grãos de trigo, conservado na tabela 2. Os tratamentos com nitrogênio, CN e sem nitrogênio, com 30 por cento da dose de Nitrogênio Inoculante, CI e sem Inoculan-

... com Nitrogênio e com Inoculante por eles. Em geral, os tratamentos com inoculante não apresentaram resultados para rendimento de grãos de trigo. Os maiores estudos para confirmar estes resultados. No entanto, apontam perspectivas para utilizar o benefício do nitrogênio na produção de gra-

... é engenheiro agrônomo e pesquisador do Centro de Treinamento da Co-

POTENCIAL DE FIXAÇÃO DE NITROGÊNIO ATRAVÉS DA INOCULAÇÃO DE SEMENTES

Nitrogênio fixado - Kg/ha/ano
45 - 552
168 - 280
73 - 354
60 - 168
103
88 - 124
40 - 70
52 - 77
74 - 584
224 - 290
128 - 207
110
5 - 50

A definição da qualidade

Ivone Suffert

Uma preocupação crescente visando a melhoria da qualidade do leite vem sendo representada pelo estímulo ao pagamento vinculado à qualidade do produto. A variação na qualidade do produto "leite" tem gerado prejuízos para os produtores que, muitas vezes, ficam surpresos quando ocorre condenação ou desclassificação do produto.

Basicamente são três os fatores que influem diretamente na qualidade bacteriológica do leite:

- * estado sanitário do rebanho;
- * higiene e limpeza;
- * conservação e transporte;

Para se manter o estado sanitário do rebanho, é preciso que haja um controle rigoroso dos animais, bem como uma constante vigilância das vacinas a serem realizadas. O ordenhador é peça fundamental na obtenção de um leite de boa qualidade, pois dele depende a higiene e a limpeza da ordenha. Ele deve dedicar-se exclusivamente à ordenha, deixando de lado as demais tarefas auxiliares para outras pessoas da propriedade. Manter unhas aparadas, cabelos curtos, não fumar e, principalmente, estar com a saúde em perfeito estado.

Alguns cuidados também devem ser tomados em relação ao local de ordenha, que deve ser coberto, limpo, seco e bem arejado, de preferência cimentado - inclusive o acesso - e com disponibilidade de água corrente. Deve-se impedir o acesso de outros animais à sala de ordenha.

A ordenha deve ser realizada dentro de uma rotina, iniciando pelas novilhas de primeira cria, seguida pelas vacas que nunca tiveram mastite e finalmente pelas vacas com mastite ou em tratamento. Esta rotina é uma forma preventiva garantida no combate à mastite, pois contribui na redução da incidência desta doença.

Na lavagem do úbere, os jatos d'água devem ser suaves e abundantes. Para a secagem dos tetos e da parte baixa do úbere, usar papel higiênico ou papel-toalha. A secagem é tão ou mais importante que a lavagem. Se o ordenhador não tem intenções de fazê-la bem feita, é preferível que não execute a lavagem.

O período de lavagem do úbere até o início da ordenha não deve ultrapassar dois minutos. Os três primeiros jatos de cada teto devem ser coletados em caneca de fundo preto. Este procedimento elimina os germes presentes no canal do teto, possibilitando um controle de eventuais alterações do leite. O produto recolhido - o leite - nunca deve ser jogado no piso ou em qualquer lugar do estábulo.

Seja manual ou mecânica, a ordenha deve ser processada até o final, sem interrupção. Logo após a conclusão, mergulhar os tetos em solução desinfetante à base de iodo. No caso da ordenha mecânica, a higienização após a ordenha deve seguir as recomendações do fabricante. Os restos de leite devem ser retirados completamente e, com auxílio de escovas próprias, limpar a parte externa das tetei-

ras, mangueiras de leite, baldes, entre outros e, em seguida proceder a desinfecção química. Convém observar que todos os equipamentos de ordenha sejam mantidos dependurados em local protegido do pó e das moscas.

Além destes cuidados, se faz necessário, pelo menos uma vez por semana, proceder a uma limpeza ácida dos equipamentos. A tubulação de vácuo deve ser limpa pelo menos uma vez por mês, ou sempre que houver sucção de leite. A limpeza deve ser feita através de sucção de água ou solução alcalina na concentração de 0,5 a 1 por cento, através de cada torneira de vácuo, começando pelo ponto de ordenha mais próximo à bomba de vácuo.

Os latões também merecem ser cuidados. Mesmo que sejam limpos na usina, é recomendável que o produtor faça uma inspeção diária nas suas condições de limpeza e, se necessário, fazer uma nova lavagem.

Quanto aos demais utensílios empregados na ordenha, todos devem ser limpos imediatamente após a sua conclusão, seguindo a mesma rotina empregada na limpeza das ordenhadeiras. Desta forma e com os cuidados descritos anteriormente, o leiteiro terá a qualidade do seu produto garantida.

O resfriamento do leite também deve ser feito de forma imediata, mantido em temperatura igual ou um pouco inferior a 4° C, sem permitir o congelamento. Com isto, estará garantida uma boa qualidade do produto até a sua entrada na usina.

Influência da higiene no conteúdo microbiano do leite

1. **Higiene do estábulo:**
 - Condições de obtenção do leite Microorganismos/ml
 - * Leite obtido em estábulo sujo 69.000
 - * Leite obtido em estábulo limpo 7.500
2. **Higiene no animal**
 - Condições de obtenção do leite
 - * Leite obtido de 2 quartos de vaca não higienizado 1.765.000
 - * Leite obtido de 2 quartos da mesma vaca após a higienização 168.000
3. **Influência dos primeiros jatos:**
 - Condições de obtenção do leite
 - * Primeiros jatos 16.000
 - * Meio de ordenha 480
 - * Final da ordenha 360
4. **Influência da higiene do vasilhame:**
 - Condições de obtenção do leite
 - * Leite de balde mal lavado 618.000
 - * Leite de balde lavado sem capricho 24.000
 - * Leite de balde lavado com rigor 292

Fonte: Revista Balde Branco - Novembro/90

Ivone Suffert é médica veterinária da Cotrijuí na Unidade de Ijuí

COLUNA DO LEITE



Coordenação: Médico veterinário Orlando Luiz Maciel Bohrer
Colaboração: Engenheiro agrônomo Jair Mello

TROCA-TROCA DE FORRAGEIRAS DE INVERNO

O programa troca-troca de forrageiras de inverno vai acontecer em 91, em todas as Unidades da Cotrijuí envolvidas com a produção de leiteira. O programa não será muito diferente dos demais já realizados em anos anteriores, contemplando os produtores com sementes de aveia, avevém, ervilhaca, centeio, trevo Yuchi e alfafa - e os insumos - uréia. O programa inicia em janeiro, estendendo-se até fevereiro. No início de janeiro ocorrerão reuniões com produtores de leite para divulgação e esclarecimento a respeito do funcionamento do programa. Em seguida, via fretes, serão entregues os pedidos. De acordo com a programação da Área de Pecuária Leiteira da Cotrijuí, até a primeira quinzena de janeiro, as sementes e os insumos já deverão estar nas mãos dos produtores. O objetivo da Cotrijuí, ao colocar mais cedo as sementes e insumos nas mãos dos produtores, é fazer com que aqueles interessados no troca-troca possam, a partir do mês de março, iniciar a formação das pastagens. É bom lembrar que os meses de abril e maio são considerados críticos em relação à deficiência de forragem verde de boa qualidade.

MUDANÇAS NA ÁREA

Desde o início do mês de dezembro, a supervisão da Área de Pecuária Leiteira da Cotrijuí está sob a responsabilidade do médico veterinário Orlando Luiz Maciel Bohrer, substituindo o também médico veterinário João Carlos Schiffer. A supervisão da Área de Forrageiras, até então exercida pelo engenheiro agrônomo Onairo Sanches, está, agora, sob a responsabilidade do engenheiro agrônomo Jair Mello.

ATIVIDADES DA ÁREA DE LEITE PARA 1991

1. **Programas: troca-troca**
 - * Máquinas - equipamentos
 - * Forrageiras - animais (matrizes)
 - * Banco de troca diversos - consórcio (matrizes leiteiras)
2. **Sanidade**
 - * Convênio com o Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor, órgão ligado à Secretaria da Agricultura do Estado nas áreas de mastite, mastite e brucelose.
 - * Convênio com a Universidade Federal de Santa Maria: leucose.
 - * Medicina preventiva, buscando evitar problemas de sanidade animal na propriedade.
3. **Alimentação: programas específicos de incentivo a:**
 - * Silagem
 - * Pastagem
 - * Arraçoamento
 - * Mineralização
4. **Melhorias tecnológicas**
 - * Recolhimento de leite a granel (incremento por Unidade, conforme características próprias).
 - * Uso da computação na alimentação das vacas leiteiras.
5. **Inseminação artificial**
 - * Melhoramento genético através do aumento do número de inseminações. Adequação no uso de touros.
 - * Reciclagem dos inseminadores
6. **Cursos a produtores: conforme as características de cada Unidade**
 - * Alimentação
 - * Mamite
 - * Sanidade
6. **Cooperativa Central Gaúcha de Leite**
 - * Programas contratados (troca de leite)
 - * Reuniões técnicas/Gerentes de postos
 - * Cursos/Treinamentos/Levantamentos
 - * Acompanhamento das atividades da Central
7. **Unidades e Postos**
 - * Valorizar e incentivar a participação das comissões de produtores de leite nas discussões da atividade.
 - * Estreitar relacionamento da atividade leite com a Regional
8. **Propriedades demonstrativas**
 - * Trabalho específico nas atividades de melhoria e rendimento da propriedade leiteira. Aproveitamento das potencialidades de cada propriedade
9. **Registro de gado leiteiro**
 - * Convênio com as associações: dos Criadores de Gado Holandês do Rio Grande do Sul e a dos Criadores de Jersey do Rio Grande do Sul
 - * Registros e controle leiteiro
10. **Cursos de aperfeiçoamento para a área técnica**

COLETA DE MATERIAL E EXAMES

Inicia em janeiro a coleta de material para exames de brucelose e leucose. Test. Estas amostras - de leite - serão coletadas a nível de plataforma de recolhimento de leite em Ijuí. Este trabalho integra o convênio assinado entre Cotrijuí e Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor e o produtor também deverá se estender a outros Postos de Recebimento de Leite.

Dentro do convênio assinado com a Universidade Federal de Santa Maria, começam a ser coletadas amostras para exames de leucose bovina. Esse trabalho deverá ocorrer em todas as Unidades da Cotrijuí. Os produtores interessados no procedimento de exames de seus animais deverão entrar em contato com a médica veterinária Ivone Suffert, em Ijuí.

A produção da região

... de se fazer qualquer ti-
... de uma proposta de
... hortigranjeiros para a
... entender o comporta-
... segmento no Rio Gran-
... que se refere a produ-
... abastecimento", diz o enge-
... João Agostinho Bo-
... produção de horti-
... da região.

... que a produção de fru-
... no Estado se desenvol-
... chamados "po-
...". A existência dos po-
... isto é, de pequenas
... há uma certa concentra-
... de espécies de frutas
... se deve a alguns fatores,
... por Boaro: proximidade
... consumidor; identificação
... dos produtores; existência
... favoráveis de clima, so-
... entre outros.

... dos hortigranjei-
... das regiões produtoras -
... realizado principalmente atra-
... - Central de Abasteci-
... A - "por onde passam em
... 400 mil toneladas de frutas
... por ano, corresponden-
... aproximadamente 70 por cento
... do Estado", explica Bo-
... diz ainda o agrônomo e
... da área de Hortigranjeiros
... seria necessário dizer que
... são amontoados, diariamen-
... os produtos em volume e
... suficientes para atender a
... regiões do Estado. Localiza-
... Porto Alegre, a Ceasa transfor-
... um canal seguro para quem
... para vender, "desde que
... as exigências do mercado".

... o Rio Grande do Sul não
... excelente produtor daquelas
... que encontram condições fa-
... para o seu desenvolvimento.
... também um grande importador
... hortigranjeiros, atingindo quase
... cento do volume consumidor.
... de importação se deve,
... Boaro, principalmente às li-
... climáticas, "embora muito
... possa ser feito para reduzir es-
... ciência, via exploração de mi-
... e do uso de tecnologia co-
... sticultura, por exemplo"

... MEDIACÃO - Para que a pro-
... obtida nos chamados polos de
... ou em outros Estados consi-
... ar ao consumidor final nas di-
... regiões do Rio Grande do
... passa por uma brutal interme-
... particularmente para aquelas
... tradicionais importadoras".

... TAÇÕES - Levando em consi-
... as características da produção
... abastecimento de frutas e horti-
... Rio Grande do Sul, referentes
... produtos in natura, a Supervisão
... de Hortigranjeiros da Cotri-
... definindo as seguintes orienta-
... básicas:

... produção para abastecimento
... a região noroeste e outras
... são tradicionais importado-
... hortigranjeiros. Além de indese-
... para o consumidor, é uma situa-
... se apresenta com possibili-
... dades para o produtor, na me-

dida em que terá condições de compe-
... via redução do frete e da interme-
... diação. Também poderá oferecer pro-
... dutos de melhor qualidade devido ao
... menor manuseio e menor tempo entre
... a colheita e o consumo.

* produção de entresafra - em
... função das limitações climáticas, mu-
... tos produtos deixam de ser produzi-
... dos em suas regiões tradicionais, em
... determinadas épocas do ano, criando,
... com isso, uma redução de oferta e a
... conseqüente necessidade de importa-
... ção. Estas lavouras são conhecidas co-
... mo "lavouras de entresafra", cultiva-
... das nos períodos de melhor preço. A
... perfeita identificação destas entresa-
... fras e o preenchimento das mesmas
... através do aproveitamento de micro-
... climas, armazenamento de produtos
... e uso de tecnologia que permitem a
... produção de algumas espécies por
... um período mais longo, pode resultar
... em alternativas viáveis de produção.

* organização da produção e co-
... mercialização - uma preocupação per-
... manente deve existir no sentido de
... se obter volume, frequência e qualida-
... des "e isto só se consegue a partir de
... um planejamento conjunto da ativida-
... de", diz Boaro referindo-se a necessi-
... dade de um escalonamento da produ-
... ção. Esse dimensionamento que se
... busca deve atingir a todos os produ-
... tores através de uma coordenação única.
... Esta coordenação será realizada pela
... cooperativa, sempre procurando di-
... mensionar e escalar a produção de
... acordo com as necessidades dos ca-
... nais de comercialização. "Os produ-
... tores, de forma individual, não conse-
... guem atender a estes fatores, ficando,
... desta forma, expostos a intermedia-

ção", observa o agrônomo.

DIRETRIZES - A Cotrijui, segundo
... o Boaro, tem procurado desenvolver
... o setor de hortigranjeiros de acordo
... com estas diretrizes básicas, "mas sem-
... pre contando com a participação dos
... produtores nas discussões e nos enca-
... minhamentos dados". A avaliação do
... Boaro em relação ao desenvolvimen-

to da área é positiva, "na medida em
... que constatamos um crescimento da
... atividade, via maior participação do
... produtor e aumento da qualidade da
... produção". Maiores passos só serão
... dados a partir de uma maior sintonia
... entre as reais possibilidades de comer-
... cialização e as características específi-
... cas da propriedade".

Brigade: Solução avançada

Brigade. Mais um produto pa-
... ra o controle da lagarta da soja e
... do fumo que começa a chegar ao
... mercado brasileiro. Inseticida pire-
... tróide de quarta geração, Brigade
... foi sintetizado e desenvolvido pela
... FMC, Divisão Agrícola.

Bifenthrin, o princípio ativo
... de Brigade, constitui-se de uma molé-
... cula muito avançada, extremamente
... eficiente e baixíssimas concentrações.



Brigade: novo inseticida

Chegou Tifon 250 SC

Está sendo lançado no mercado um novo defensivo para a lavoura de
... soja: o Tifon 250 SC. O novo produto se caracteriza por ser um inseticida
... piretróide utilizado no controle da lagarta da soja. O Tifon 250 SC pertenc-
... e à classe toxicológica III, sendo, portanto, um produto faixa azul. Tem for-
... mulação em suspensão concentrada com 250 gramas de Permethrin por litro,
... o que permite a manutenção de inimigos naturais da lagarta na lavoura. O
... novo produto tem como registrante a Químio Produtos Químicos e vem sen-
... do distribuído pela Hoechst do Brasil.

CUSTOS

O uso do maquinário

O uso das máquinas para fazer a lavoura de verão está 29,72 por cento mais caro se comparado
... com os dados levantados em novembro. Os custos se alteraram em função do óleo diesel que
... sofreu novo reajuste e dos preços das máquinas, que também andaram subindo

CUSTO DAS OPERAÇÕES DE MÁQUINAS EMITIDO EM 15.12.90 - DIRETORIA AGROTÉCNICA

Num	Máquina/Equipamento	Depreciação	Seguro	Manut./Reparos	Combustível	Custo H/T	Custo H/A	Custo H/E	Custo T/H	Ha/Hora	Custo/Ha
001	Trator 62 CV	290,28	2,56	204,90	217,20	714,94	0,00	0,00	714,94	0,00	0,00
002	Trator 77 CV	338,13	2,98	238,68	253,40	833,19	0,00	0,00	833,19	0,00	0,00
003	Trator 82 CV	361,51	3,19	255,18	289,60	909,47	0,00	0,00	909,47	0,00	0,00
004	Trator 95 CV	424,83	3,75	299,88	325,80	1.054,26	0,00	0,00	1.054,26	0,00	0,00
005	Trator 110 CV	425,00	3,75	300,00	434,40	1.163,15	0,00	0,00	1.163,15	0,00	0,00
006	Trator 118 CV	500,31	4,41	353,16	470,60	1.328,48	0,00	0,00	1.328,48	0,00	0,00
020	Automotriz 110 CV	1.916,80	17,97	1.437,60	506,80	0,00	3.879,17	0,00	3.879,17	0,90	4.310,19
021	Automotriz 123 CV	2.093,12	19,62	1.569,84	543,00	0,00	4.225,58	0,00	4.225,58	0,90	4.695,09
027	Arado 3 discos	98,28	0,38	43,68	0,00	0,00	0,00	142,34	1.051,81	0,48	2.191,27
028	Arado 4 discos	123,42	0,48	54,85	0,00	0,00	0,00	178,75	1.088,23	0,48	2.267,15
030	Grade aradora 18 discos	177,58	0,69	78,93	0,00	0,00	0,00	257,20	1.166,68	1,06	1.100,64
031	Grade aradora 22 discos	202,21	0,79	89,87	0,00	0,00	0,00	292,87	1.202,34	1,06	1.134,28
032	Grade niveladora 32 discos	125,85	0,49	55,93	0,00	0,00	0,00	182,27	1.091,74	1,59	686,63
033	Grade niveladora 36 discos	149,49	0,58	66,44	0,00	0,00	0,00	216,51	1.125,98	1,59	708,16
034	Subsolador P 5 pés	43,38	0,17	19,28	0,00	0,00	0,00	62,82	972,30	0,76	1.279,34
035	Subsolador - T 5 braços	65,24	0,25	29,00	0,00	0,00	0,00	94,49	1.003,97	0,32	3.137,41
036	Semeadeira adubadeira 13L	219,06	0,85	121,70	0,00	0,00	0,00	341,61	1.251,09	1,77	706,83
037	Semeadeira adubadeira 15L	239,03	0,93	132,80	0,00	0,00	0,00	372,76	1.282,23	1,77	724,42
038	Plantadeira - D 5 sulcos	268,10	1,04	148,94	0,00	0,00	0,00	418,08	1.327,56	0,93	1.427,48
039	Plantadeira - D 6 sulcos	294,56	1,15	163,64	0,00	0,00	0,00	459,34	1.368,82	0,93	1.471,85
040	Distribuidor calcário 1 T	104,27	0,41	57,93	0,00	0,00	0,00	162,60	1.072,07	0,93	1.152,76
041	Distribuidor calcário 5 T	129,71	0,50	72,06	0,00	0,00	0,00	202,27	1.111,75	1,55	717,26
042	Terraceador B estrita 2D	73,57	0,29	32,70	0,00	0,00	0,00	106,55	1.016,02	0,37	2.746,00
043	Terraceador Base Larga	103,71	0,40	46,09	0,00	0,00	0,00	150,21	1.059,68	0,22	4.816,73
044	Capinadeira mecânica 6 pés	55,09	0,21	24,48	0,00	0,00	0,00	79,79	989,26	1,24	797,79
045	Pulverizador Jacto 600 L	145,58	0,57	64,70	0,00	0,00	0,00	210,86	1.120,33	1,64	683,13
046	Pulverizador Jacto 2.000 L	273,41	1,06	121,52	0,00	0,00	0,00	395,99	1.305,47	1,64	796,02
047	Atomizador Jacto 400 L	135,93	0,53	60,41	0,00	0,00	0,00	196,87	1.106,35	1,64	674,60
048	Carreta agrícola 6 T	80,30	0,33	28,34	0,00	0,00	0,00	108,98	1.018,45	1,33	765,75
049	Ensiladeira	276,00	1,07	122,67	0,00	0,00	0,00	399,74	1.309,21	0,15	8.728,07

Na terra abrindo galerias ou em grupo produzindo um adubo nobre, a minhoca comprova a sua eficiência na conservação e melhoramento do solo

MINHOCA

Com ela, o melhor adubo

Quem se alimenta de lixo orgânico, esterco, palha, produz o melhor adubo que as plantas necessitam e ainda é capaz de remover de 50 a 100 toneladas de terra por ano, certamente pode ser chamada, com todo o respeito, de patrimônio da agricultura. A minhoca, por excelência, tem recebido este título ao longo dos anos em que tem sido comprovada a sua eficiência na conservação e melhoramento das características físicas, químicas e biológicas do solo.

Com uma família muito extensa, em que cada uma das espécies trabalha com atividades diferentes, a "Lumbricus terrestris", ou a popular minhoca, ainda não tem o seu potencial de trabalho utilizado. Na região, são poucos os agricultores que usam o seu trabalho na propriedade, seja através da ação direta no solo ou na formação de composto orgânico que serve de adubo a todo tipo de plantas, tanto da lavoura, como no pomar ou na horta. Quem já incluiu a minhoca, no entanto, como mais uma atividade dentro da sua propriedade, vem colhendo resultados surpreendentes, principalmente pela velocidade e a qualidade com que ela desempenha o serviço.

SUBSOLADORA CULTURAL - Este segundo título é dado às minhocas, em especial àquelas que atuam no solo diretamente, em função do trabalho de abertura de galerias que elas realizam na terra, as quais aumentam a aeração, a infiltração e a drenagem da água. Além disso, revolvem as camadas do solo misturando-as, favorecendo, por isso, a sua granulação. Em solo cultivado com plantio direto, a ação das minhocas é ainda mais acentuada, pois além de subsolarem a terra, "ingerem e digerem restos de culturas colhidas, criando um horizonte orgânico que fertiliza o solo e ainda é canalizado para o sistema radicular das plantas", como afirma a pesquisadora Christa Knapper, especialista em vermicompostagem.

Mas, se como subsoladoras já prestam um grande serviço na formação de composto orgânico ou "humus", as minhocas são as melhores. Aqui o trabalho começa pela ingestão de todo o tipo de material orgânico, como lixo, palhas culturais, e esterco, que depois de passarem pelo seu tu-

bo digestivo são dejetados em forma especial de agregado de terra, com alta concentração de micronutrientes, como nitratos, fósforo, potássio, cálcio e magnésio, que favorecem a produtividade do solo. Ao mesmo tempo, os excrementos das minhocas apresentam uma elevada capacidade de troca de cátions, saturação de bases e umidade equivalente.

Uma terceira atividade obtida pelo desenvolvimento da criação de minhocas é realizada pela sua utilização na alimentação de rãs, peixes e aves, devido ao seu alto teor proteico. Em seu corpo encontram-se 78 por cento de proteínas. A reprodução das minhocas, contudo, com esta finalidade, exige um tratamento diferente daquele dispensado para a formação de adubo orgânico. Enquanto neste é preciso apenas agrupar material suficiente para que a minhoca trabalhe, o minhocário de reprodução necessita bastante esterco nos canteiros onde ela vai ser reproduzida. A multiplicação é rápida, são 28 dias de postura à eclosão dos ovos, mais 28 dias para que elas estejam aptas à reprodução.

OS BENEFÍCIOS - Em Ijuí, o professor e tecnólogo em administração rural, Cesar Augusto Libardoni, adotou definitivamente a produção de minhocas para a formação de adubo orgânico, principalmente para a produção de um pomar de 10 hectares na Linha 2 Oeste, Libardoni conta que adotou a técnica há uns cinco anos, quando obteve algumas unidades da minhoca *Eisenia foetida*, através de um botânico da Unijuí, que lhe forneceu esta espécie por causa da sua velocidade



Libardoni e as minhocas. Produtividade da uva aumentou em 50 por cento

em decompor o material orgânico e melhorá-lo.

"Sempre ouvi falar na utilidade das minhocas, mas nunca tinha observado os seus benefícios na prática", lembra o agricultor, dizendo que após um ano que as minhocas estavam sendo tratadas na propriedade - elas necessitam da ação do homem para sobreviver - o adubo produzido já demonstrou seus resultados. A produção de uva - que tem servido para a fabricação de quatro mil litros de vinho - aumentou em pelo menos 50 por cento", avalia hoje, Libardoni, considerando toda área onde os canteiros com minhocas foram colocados.

Para conseguir isso, o agricultor segue uma prática orientada desde a coleta do esterco, que é feita a cada dois dias no galinheiro, um pequeno estábulo e no chiqueiro. A ele, Libardoni junta o lixo caseiro e os restos de palhas culturais produzidas na propriedade e coloca tudo sobre um punhado de minhocas em locais estratégicos do pomar. Principalmente naquelas áreas em que se verificam os mais baixos rendimentos.

Outro cuidado tomado pelo agricultor é quanto a colocação dos grupos de minhocas. O mais correto é deixá-los sempre nos lugares mais altos da área, diz Libardoni, porque

Família numerosa

Eisenia foetida, *Pheretima*, *Dendrobaena*, *Octolasion*, *Allolobophora*, etc. Estas são algumas das espécies de minhocas existentes e recebem denominações diferentes devido às funções específicas de cada grupo. A primeira citada, por exemplo, nasce e cresce de matéria orgânica em decomposição e reproduz-se com grande facilidade. Conhecida como humilde, não se multiplica quando há muita umidade. Já a *Pheretima*, pertence ao grupo das cinzentas e também é conhecida como minhoca do "colarinho" ou minhoca louca, e é comum na região. Atuam principalmente na incorporação e revolvimento das camadas do solo, sendo indicadas para áreas onde se deseja adubação verde. Em relação às outras espécies, são mais resistentes à seca e ao excesso de umidade.

No geral, as minhocas são animais mais que possuem os órgãos reprodutivos pouco desenvolvidos, vivem à luz intensa, fugindo das altas temperaturas ao tato ser muito desenvolvido. São hermafroditas (machos e fêmeas ao mesmo tempo), possuem dois pares de gônadas, produzindo, contudo, de duas minhocas, um minhocário de reprodução numa época específica. Os ovos são colocados numa forma de casulo e eclodem no período máximo de 30 dias. Após três meses os filhotes já entram em estado de maturidade, atingindo o tamanho adulto em 180 dias. A vida média da minhoca é de um a dois anos, segundo alguns pesquisadores.

no momento em que a chuva cai, o adubo se esparrama melhor e a terra se fertiliza de maneira uniforme.

AGRICULTURA ECOLÓGICA

Utilizando o adubo produzido pelas minhocas basicamente na produção de uvas, o agricultor acha que a prática é predominantemente adequada para o pomar ou para a horta. Não que ela não seja eficaz para a produção de milho, mas sim porque, para esta finalidade, é preciso um volume bem maior de esterco. Por exemplo, conseguiu apenas aumentar a adubação em uma parcela de milho plantada em novembro passado.

"Onde a produção de adubo é grande, os resultados são os melhores", afirma Libardoni, dizendo que os resultados surpreendentes do minhocário produzem e a importância que ele representa para quem segue "uma agricultura ecológica". Ao mesmo tempo, o adubo químico é banido da propriedade, também os animais não são aproveitados", diz defendendo a prática como uma fabricação de adubo cuja qualidade é maior e de longa duradoura.

Projetos gratuitos

Vermicompostagem ou vermicultura é o nome que se deu à tecnologia que trata da criação de minhoca com a finalidade de decompor matéria orgânica e posterior formação de um composto considerado o melhor adubo para agricultura. O assunto que não é novo, tem recebido dedicação especial da pesquisadora Christa Knapper, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo. Segundo a pesquisadora, a procura pelo trabalho de vermicompostagem tem aumentado, assim como também são muitos os produtores que vem se interessando pela criação de minhocas com o objetivo de utilizá-las na horticultura e avicultu-

ra. "É um dos animais mais ricos em proteínas", salienta Christa.

A boa aceitação do trabalho desenvolvido pela vermicompostagem é explicado pela pesquisadora pelo fato de que todo material que for passível de reciclagem pode ser aproveitado pela decomposição realizada com as minhocas. Os últimos experimentos conduzidos por Christa já apontam a utilização da minhoca a partir da coleta de material existente no caule da bananeira, o qual ao ser colocado junto com os animais se transforma num composto específico de fertilização para a produção de bananas. Outro trabalho diz respeito à recuperação de gra-

mineas, onde o composto serve de adubação de cobertura, podendo ser utilizado em todas as estações do ano, mas com melhor resposta no verão, por causa da maior incidência de fotossíntese.

Para melhor conhecer estes trabalhos e inclusive desenvolver um projeto de vermicompostagem na propriedade, os interessados devem procurar o setor na qual Christa é coordenadora na Unisinos. Lá, de forma gratuita, o produtor recebe um projeto a partir do material que ele dispõe, incluindo junto a quantidade de minhocas necessárias. O atendimento é realizado durante todo o ano.